



felizmente há luar!



Luís de Sttau Monteiro

Principais obras do autor:

- *Um Homem Não Chora*, 1960
- *Angústia para o Jantar*, 1961
- *Felizmente Há Luar!*, 1961
- *Todos os Anos, pela Primavera*, 1963
- *O Barão*, 1964
- *Auto da Barca do Motor Fora de Borda*, 1966
- *A Guerra Santa*, 1967
- *A Estátua*, 1967
- *As Mãos de Abraão Zaccut*, 1968
- *Sua Excelência*, 1971
- *E se For Rapariga Chama-se Custódia*, 1978
- *Crónica Atribulada do Esperançoso Fagundes*, 1980
- *Chuva na Areia*, 1982, adaptação televisiva de um romance que ficou inédito, *Agarra o Verão, Guida, Agarra o Verão*

Luís de Sttau Monteiro

(1926-1993)

Nota biobibliográfica

Nasceu em Lisboa, em 3 de Abril de 1926.

Aos 13 anos foi viver para Londres, onde seu pai desempenhava as funções de embaixador. O tempo que aí passou terá condicionado muitos aspectos da sua formação estética e literária.

Nesses anos, viveu de perto a tragédia da Segunda Guerra Mundial.

De regresso a Portugal, licenciou-se em Direito pela Universidade de Lisboa, tendo exercido, por um breve período de tempo, a advocacia.

Publicou o seu primeiro romance em 1960, *Um Homem Não Chora*.

Em 1961, publica-se *Angústia para o Jantar*, que o colocou, desde logo, num lugar de relevo no panorama da literatura portuguesa. Desse mesmo ano é também a peça *Felizmente Há Luar!*, que revelou um dos mais notáveis dramaturgos das nossas letras. Foi-lhe atribuído, em 1962, o "Grande Prémio de Teatro".

Por várias vezes, foi preso pela PIDE, devido ao cunho irreverente que impôs à sua obra.

Fez parte do conselho redactorial de "A Mosca", suplemento do *Diário de Lisboa*, onde se celebrou pela criação da irreverente figura da Guidinha. Trabalhou em publicidade e escreveu, também, sobre gastronomia, com o pseudónimo de Manuel Pedrosa.

Foi jornalista e colaborador regular de várias publicações – *Diário de Lisboa*, *Se7e*, *O Jornal*, *Expresso*.

LUÍS DE STTAU MONTEIRO

*Ao Fernando de Abranches Ferrão –
amigo de todas as horas – que quase
me obrigou a escrever esta peça.*

felizmente há luar!

Teatro
Peça em 2 actos

HOLYOAKE (*Making an effort*) – I have injured no man's reputation, taken no man's property, attacked no man's person, violated no oath, taught no immorality. I was asked a question and answered it openly. I should feel myself degraded if I descended to finding out if my convictions suited every man in the audience before I uttered them. What is the morality of a law which prohibits the free publication of an opinion?

ERSKINE – You must have heard me state the law that if it be done temperately and decently, all men are at liberty to state opinions.

HOLYOAKE – Then liberty is a mockery. The word temperate means what those in authority think proper.

ERSKINE – An honest man speaking his opinions decently is entitled to do so.

HOLYOAKE – It must be already clear to you, gentlemen of the jury, that I am here for having been more honest than the law happens to allow. What is this temperate? What is intemperate? Invective, sarcasm, p...

ALEXANDER – Personality.

HOLYOAKE – Thank you, Mr. Alexander.

ALEXANDER – Pleasure.

HOLYOAKE – ... and the like. But these weapons are denied only to those who attack the prevailing opinion.

JOHN OSBORNE
A subject of scandal and concern

PERSONAGENS

Manuel – O mais consciente dos populares

Rita – A mulher do Manuel

Antigo soldado – Um antigo soldado do regimento de Gomes Freire

Vicente – Um provocador em vias de promoção

Dois polícias – Iguais a todos os polícias

Vários populares – O pano de fundo permanente

D. Miguel Forjaz

Beresford

Principal Sousa

Três conscienciosos governadores do Reino

Morais Sarmento

Andrade Corvo

Dois denunciantes que honraram a classe

Frei Diogo de Melo – Um homem sério que destoaria nesta peça se nela não figurassem, também,

António de Sousa Falcão – O inseparável amigo e

Matilde de Melo – A companheira de todas as horas de

O General Gomes Freire D'Andrade – que está sempre presente embora nunca apareça.



ACTO 1

Ao abrir o pano, a cena está às escuras, encontrando-se uma única personagem intensamente iluminada, ao centro e à frente do palco. Esta personagem está andrajosamente vestida.

MANUEL

Que posso eu fazer? Sim: que posso eu fazer?

(Dá dois passos em direcção ao fundo do palco, detém-se, e continua)

A pergunta é acompanhada dum gesto que revela a impotência da personagem perante o problema em causa. Este gesto é francamente "representado". O público tem de entender, logo de entrada, que tudo o que se vai passar no palco tem um significado preciso. Mais: que os gestos, as palavras e o cenário são apenas elementos duma linguagem a que tem de adaptar-se.

Vê-se a gente livre dos Franceses, e zás!,
cai na mão dos Ingleses!
E agora? Se acabamos com os Ingleses,
ficamos na mão dos reis do Rossio...

Entre os três o diabo que escolha...

(Pausa)

Deus todo-poderoso para a frente... Deus
todo-poderoso para trás... Sua Majestade
para a esquerda... Sua Majestade para a
direita...

(Pausa)

E enquanto eles andam para trás e para a
frente, para a esquerda e para a direita, nós
não passamos do mesmo sítio!

*Ilumina-se, subitamente, o fundo do palco.
De pé e sentadas, várias figuras populares
conversam. Algumas dormem estendidas no
chão. Uma velha, sentada num caixote, cata
piolhos a uma rapariga nova.*

*(Avança e detém-se junto duma mulher
ainda nova, que dorme, no chão, coberta por
uma saca)*

A Rita dorme. A que horas chegou ela?

Ao dizer isto, a perso-
nagem está quase de
costas para os especta-
dores. Esta posição é
deliberada. Pretende-
-se criar desde já, no
público, a consciência
de que ninguém, no
decorrer desta peça,
vai esboçar um gesto
para o cativar ou para
acamaradar com ele.
(O réu não se senta ao
lado dos juízes.)

Muda de tom à voz.
Está a imitar, com sar-
casmo, alguém que se
não sabe quem seja.
Entende-se, todavia,
que a personagem se
refere ao ambiente
político da época.

Volta ao seu tom de
voz habitual.

A pergunta não é diri-
gida a ninguém.

O gesto é lento, delibe-
radamente sarcástico.

O tom é irónico.

O primeiro popular vol-
ta a sentar-se.

Começa a ouvir-se, ao
longe, o ruído de tam-
bores.

Algumas personagens
mostram certa agita-
ção.

1.º POPULAR

*(Levantando-se dum salto e macaqueando
as maneiras dum fidalgo, finge tirar um reló-
gio do bolso dum colete inexistente)*

Saiba, meu senhor, que a Senhora D. Rita
chegou tarde.

Eram quase cinco horas pelo meu relógio
de ouro.

*(Finge levantar o relógio para o ver
melhor.*

*Desfaz o gesto com violência e continua
em tom raivoso)*

Alguém aqui tem relógio?

*(Como ninguém responde, volta a dirigir-
-se a Manuel)*

Esqueceram-se dos relógios em casa...

MANUEL

Está bem. Está bem.

*(Dá um safanão na rapariga, que se levanta
com lentidão)*

São horas de nos irmos indo, mulher.

RITA

Já?

MANUEL

Lembra-te do que temos de andar.

(Ouve o som dos tambores)

Que é isto?

(Todos se levantam e escutam a medo. Alguns pegam nos seus objectos pessoais – cestos, mantas esfarrapadas, uma abóbora, etc. – e preparam-se para fugir. Outros, parados, esperam que o som dos tambores indique a direcção da marcha das tropas.

O ruído afasta-se. Ficam todos calados, indecisos.)

1.º POPULAR

Não vêm para cá.

O ANTIGO SOLDADO

Estas cantigas são inventadas
No regimento de Freire d'Andrade
São cantadas com o estilo
De lá ré ó liberdade.

1.º POPULAR

Onde aprendeu vossemecê isso?

O ANTIGO SOLDADO

Em Campo d'Ourique – já lá vão mais de dez anos –, quando eu era soldado no regi-

Em tom de quem evoca o passado com saudade.

O grupo começa a prestar atenção ao diálogo.

mento de Gomes Freire...

Aqui onde me vêem já andei nas guerras...

RITA

Com o general?

O ANTIGO SOLDADO

Com o general, pois!

2.º POPULAR

Conte lá, homem...

3.º POPULAR

Em que guerra é que vossemecê andou?

UMA VELHA

E foi na guerra que aprendeu a cantar?

(O antigo soldado ri-se)

Então onde foi, homem?

(Juntam-se todos à volta do antigo soldado, que se destaca do grupo e avança para o proscénio seguido de todos.)

O ANTIGO SOLDADO

(Olha para o alto, tentando recordar-se)
Ora deixem ver...

Uma noite, em Julho, os rapazes lá do quartel organizaram uma festa em honra da Senhora da Piedade. Vocês haviam de ter visto aquilo... A rapaziada fardada, no meio do povo...

E raparigas? Aquilo é que era...

(Dá um beliscão na cara de Rita)

Onde aparecia o regimento de Gomes Freire não faltavam raparigas!

UMA VOZ

E ele?

O ANTIGO SOLDADO

Ele?

OUTRA VOZ

O general, homem...

O ANTIGO SOLDADO

Um amigo do povo!
Um homem às direitas! Quem fez aquele não fez outro igual...

Fala com entusiasmo.
Vê-se que Gomes Freire é o seu herói.

Este silêncio é pesado. As personagens olham para as mãos e para os lados. Foram longe de mais e sabem-no. Ainda têm nos ouvidos o ruído dos tambores, símbolo de uma autoridade sempre presente e sempre pronta a interferir.

Fala muito depressa. Está cada vez mais excitado.

Faz com as mãos o gesto de quem toca tambor.

MANUEL

Se ele quisesse...

(Silêncio)

VICENTE

Se ele quisesse? Mas se ele quisesse o quê? Vocês ainda não estão fartos de generais?

Cornetas, tambores, tiros e mais tiros... Bestas!

(Sobe a um caixote)

Tu, José:

(Aponta para um dos presentes)

Tens sete filhos com fome e com frio e vais para casa com as mãos a abanar. Julgas que o Gomes Freire os vai vestir?

(Aponta para o outro)

E tu, que não comes desde ontem – estás com pressa de ir para a guerra? Julgas que matas a fome com as balas? Idiotas! Nenhum de vocês tem um tecto que o abrigue no Inverno, nenhum de vocês tem onde cair morto, mas, mal passa um tambor, não há um só que não queira ir atrás dos soldados. Catrapum! Catrapum! Catrapum, pum, pum! – Idiotas!

Olha lá:

(Aponta para o antigo soldado)

Se o teu Gomes Freire é tão bom como

dizes e se a "rapaziada" lá do regimento é como tu a descreves, explica lá o que estás a fazer aqui...

(O antigo soldado encolhe os ombros)

Não abres a boca? Pois então falo eu!

(Para o grupo)

Este homem está aqui porque já não serve para nada. Ouviram?

Está aqui porque já não interessa aos generais. O que eles querem é servir-se da gente! Quando um homem chega a velho e já não pode andar por montes e vales, de espingarda às costas, para eles se encherem de medalhas, tratam-no como um pobre fugido à polícia: abandonam-no, mandam-no para a porta das igrejas pedir esmola, e que a Virgem se compadeça dele...

(Para o antigo soldado)

Que te dizem eles, os teus generais, os tais com quem te bateste, quando te encontram na rua, miserável, sem um naco de pão para comer? Sabes o que te dizem? Sabes? Viram-se para as mulheres, e justificam os cinco réis da esmola, dizendo que te bateste como um valente na campanha do Rossilhão. E tu? Matas a fome com os cinco réis e com a recordação da campanha. Mas eles... eles vão para casa encher a pança! Disso podes estar certo...

O ANTIGO SOLDADO

O Gomes Freire não é desses.

Pronuncia a palavra "rapaziada" com sarcasmo.

Fala alto, em tom de triunfo.

À medida que fala vai-se excitando cada vez mais.

Fala com escárnio.

VICENTE

Não é desses... Não é desses... Então de quais é ele? Duns que não existem?
É um santo, o teu general...

O ANTIGO SOLDADO

Não é um santo, é um homem como todos nós, mas...

VICENTE

"Mas"? Não há "mas" nem meio "mas". O que há é homens e generais. Ou se é por uns, ou se é por outros.

O teu general, então, é perfeito: nem sequer é português...

(Muito excitado)

Estrangeirado: estrangeirado é que ele é!

MANUEL

(Falando ao grupo)

Estrangeirado ou não, é capaz de se bater com os senhores do Rossio...

VICENTE

Mas não se bate! Vais ver que não se bate! E sabes porquê?

(Volta a falar para o grupo)

Porque está feito com eles, porque essa gente é toda igual... O que interessa a uns interessa a outros, e a todos interessa que a gente viva assim...

UMA VOZ

A polícia!

(O grupo dispersa com rapidez enquanto pela esquerda do palco entram dois polícias que se aproximam de Vicente. Este, de cima do caixote, continua a gritar: "Fujam! Fujam! A polícia!" até à dispersão total do grupo. Durante a fuga dos populares a luz do fundo vai diminuindo de intensidade até desaparecer completamente. Os polícias aproximam-se de Vicente, que desce do caixote e acamara com eles. Ficam os três, iluminados, no palco.)

VICENTE

Há muito que os não vejo. Que é feito?

1.º POLÍCIA

Sempre a mesma coisa: rondas, feiras, serviço à porta deste ou daquele... sei lá. E tu?

VICENTE

Cá vou, discutindo o general, de manhã, à tarde e à noite... Para esta cambada, o Freire é Deus.

Abre os braços num gesto que abrange os presentes, o fundo do palco, a miséria...

Fala com certa tristeza.

(Senta-se, descalça um sapato e começa a consertá-lo)

Se não lhe tratamos da saúde, talvez nos trate ele da nossa...

2.º POLÍCIA

(Apanhando uma boneca esfarrapada de que uma mãe se esqueceu ao fugir)

Olha, lá, Vicente: como consegues tu inspirar a confiança desta gente?

VICENTE

É simples: digo-lhes metade da verdade. Sonham com o Gomes Freire? Lembro-lhes que o Gomes Freire é general e falo-lhes da guerra. Haverá alguém que se não lembre da guerra? A vida tem sido uma guerra atrás da outra... Odeiam os Franceses e os Ingleses? Chamo estrangeirado ao Gomes Freire...

O que não lhes digo é que se ele não fosse estrangeirado era... era como os outros... era mais um senhor do Rossio...

2.º POLÍCIA

E tu acreditas nele?

VICENTE

Não. Só acredito em duas coisas: no dinheiro e na força. O general não tem uma nem outra.

1.º POLÍCIA

É por isso, então, que...

(Os outros olham-no de frente)

Que... pois...

2.º POLÍCIA

Vá: acaba o que estás a dizer. O tempo passa e viemos aqui em serviço.

1.º POLÍCIA

Eu não ia dizer nada...

VICENTE

(Calça o sapato e levanta-se)

Ias, ias. Ias perguntar-me se foi por dinheiro que eu me virei contra os meus... Era ou não era isso que me ias perguntar?

1.º POLÍCIA

Na verdade...

VICENTE

Pois respondo-te, amigo. Respondo-te de boa vontade.

(Começa a passear em frente dos polícias)

Nitidamente embaraçado.

Fala como um alucinado, com frequentes pausas, que dão a entender não ser esta a primeira vez que pensa no assunto.

Ao falar da cara, levanta-se, assumindo a posição dum senador romano.

Alarga os passos. Todos os seus gestos são estudados. Sente-se que passou longas horas estudando os hábitos e os maneirismos dos membros da classe a que desejaria ter pertencido. Ao falar, faz gestos com as mãos, gestos lentos, precisos, copiados dum fidalgo qualquer que teve ocasião de observar de perto.

De repente olha para os polícias e compreende que está a dizer coisas que não deveria ter dito. Fecha as mãos.

É verdade que nasci aqui e que a fome desta gente é a minha fome, mas... é igualmente verdade que os odeio, que sempre que olho para eles me vejo a mim próprio: sujo, esfomeado, condenado à miséria por acidente de nascimento.

(Estaca no palco e toma uma posição de pessoa importante, de fidalgo retratado por um artista medíocre do paço)

Que diferença há entre mim e um fidalgo qualquer?

Será que tenho uma cara diferente? Será que sou mais estúpido? Mais baixo? Mais alto?

Serão as minhas pernas e os meus braços diferentes das pernas e dos braços dum desses fidalgotes das touradas?

Não, meus amigos. A única coisa que me distingue dum fidalgo é uma coisa que se passou há muitos anos e de que nem sequer tive a culpa: o meu nascimento.

(Pausa)

Nasci a dois passos daqui, numa trapeira em que nenhum fidalgo entraria. Quando passo lá à porta, só Deus sabe o que sinto...

É por isso que odeio esta cambada a que pertenço, mas a que pertenço sem querer e com quem não tenho nada de comum!

Mas vocês não podem perceber isto...

(Cai em si)

Tenho estado a brincar, amigos. Querem saber porque vendo os meus irmãos? Pois vendo-os por amor a N. S. Jesus Cristo e a el-rei D. João VI, que há tantos anos anda pelos

Brasis cuidando dos nossos interesses...

(Ri-se)

1.º POLÍCIA

Pareces um doutor a falar...

2.º POLÍCIA

É tempo de lhe dizermos ao que vimos.
Está a fazer-se tarde...

(O primeiro polícia avança e põe-lhe a mão sobre o ombro.)

1.º POLÍCIA

Temos notícias para ti, amigo...

VICENTE

Costumo ser eu a ter notícias para vocês...

1.º POLÍCIA

Andámos toda a tarde à tua procura.

VICENTE

À minha procura?

Domina-se. Adota um tom de voz ironicamente piedoso.

Encolhe os ombros. A ideia de falar com o tenente não o seduz.

Sarcástico.

Começa a interessar-se.

O sarcasmo é triste.

Francamente interessado.

1.º POLÍCIA

À tua procura, sim, homem de Deus. És mais importante do que pensas.

Temos ordens de te levar, ainda hoje, à presença...

(Ri-se)

Adivinha de quem...

VICENTE

O tenente quer falar comigo.

1.º POLÍCIA

(Rindo-se)

Não é o tenente, homem. É pessoa mais grada.

VICENTE

O intendente?

2.º POLÍCIA

Upa! Upa!

VICENTE

O próprio...?

1.º POLÍCIA

Tanto também não! Vais falar com um governador do Reino: O Sr. D. Miguel Pereira

Forjaz. Chega-te?

VICENTE

Um governador do Reino! Que me quer ele?

2.º POLÍCIA

Sei lá...

1.º POLÍCIA

Pode querer incumbir-te de uma missão especial...

2.º POLÍCIA

Ou querer fazer-te nosso chefe...

1.º POLÍCIA

(Rindo-se)

Ou dar-te uma comenda...

(Vicente afasta-se dos polícias. Caminha para a esquerda do palco e detém-se. Fala sozinho.)

VICENTE

Cheira-me a coisa graúda... Se eu souber fazer render o peixe, sou capaz de acabar

Encolhe os ombros, exprimindo a impossibilidade de se compreenderem os desígnios e as intenções dos poderosos.

Em tom galhofeiro.

Sorriem maliciosamente, sugerindo que seriam privilegiados se o facto acontecesse.

com uma capela... ou chefe de polícia, quem sabe?

Eu, chefe de polícia! Estou a ver a cara do povo...

Antes uma capela: carruagem, criado de libré... o povo a vir bater-me à porta:

(Num tom de voz humilde)

Meu senhor: nós não temos pão em casa... Dê-nos uma esmolinha por alma de quem lá tem...

Não se esqueça de que também já teve de mendigar...

(Voltando ao tom de voz habitual)

E eu lá lhes vou dando umas moedas, por caridade...

(Vira-se para os polícias)

Gostavam de me ter como chefe?

1.º POLÍCIA

Não queríamos outra vida... Nunca te havias de esquecer de que tínhamos sido nós os portadores da boa nova...

VICENTE

(Rindo-se com desprezo)

Ah! ah! ah! Os degraus da vida são logo esquecidos por quem sobe a escada... Pobre de quem lembre ao poderoso a sua origem... Do alto do poder, tudo o que ficou para trás é

vago e nebuloso.

No Olimpo designam-se por pastores desencaminhados os que têm a ousadia de lembrar as promessas do passado ou de evocar o início da ascensão...

(Rindo-se)

Ainda há pouco vocês diziam que eu atraícoara os meus... Nunca se fala de traição a quem sobe na vida...

Quem sobe, amigos, larga os homens e aproxima-se de Deus! Passa a ser julgado por outras leis...

Então vocês julgam que, se eu fosse polícia, os queria debaixo das minhas ordens?

A vocês, que sabem como eu comecei?

(Ri-se)

Vá! Vamos embora. Não convém que o Sr. Governador tenha de esperar por quem o serve com tanta dedicação...

1.º POLÍCIA

Aquilo que nós dissemos há bocado... era a brincar, Vicente.

(Vicente ri-se alto. As três personagens viram as costas ao público e encaminham-se para o fundo do palco com determinação. A meio caminho, o fundo ilumina-se. De pé, à direita, D. Miguel Pereira Forjaz aguarda-os de braços cruzados.)

Em tom paternal.

As três personagens têm de actuar com determinação para que não haja dúvidas acerca da sua intenção de se deslocarem dum local para outro.

Fingindo-se incrédulo.

Fala com segurança e a convicção de quem sabe que agrada ao papa e aos que se mostrem ainda mais papistas do que ele.

1.º POLÍCIA

Excelência...

D. MIGUEL

(Interrompendo-o com um gesto)

Este homem é seguro? Pode confiar-se nele?

VICENTE

(Avançando e fazendo uma vénia prolongada)

Como em Deus, Excelência. Honesto e dedicado a el-rei como eu, haverá poucos fidalgos neste Reino...

D. MIGUEL

Fidalgos?

VICENTE

Fidalgos, Excelência! De muitos poderia eu contar coisas de espantar. É certo que só poderia falar dos que andaram lá por fora. As Franças deram a volta à minha cabeça... Hoje são mais os estrangeirados do que os Portugueses...

(Cospe com repugnância)

D. MIGUEL

Que sabe você do meu primo?

VICENTE

(Espantado)

Do primo de V. Excelência?

D. MIGUEL

Falo do general Gomes Freire d'Andrade.

VICENTE

Sou um homem do povo, Excelência... Tenho o general Gomes Freire na conta em que o tem o povo.

D. MIGUEL

E em que conta o tem o povo?

VICENTE

Excelência: Se pusermos de parte a pessoa d'el-rei e a vossa, a ninguém tem o povo mais amor do que ao primo de V. Excelência. Soldado distinto, súbdito fiel...

Em ninguém põe o povo mais esperança do que no general...

Irritado.

O espanto de Vicente pode revestir a forma dum olhar interrogador para os dois polícias que o ladeiam.

Vicente começa a compreender que se enganou ao gabar Gomes Freire, mas ainda não sabe que caminho há-de tomar.

Com esperança.

Fixa atentamente D. Miguel porque não tem a certeza de estar a agradar. A meio da frase faz uma pausa para estudar a reacção do governador, e recomeça.

Como quem pede desculpa.

Com escárnio.

Francamente adúlador.

D. MIGUEL

Esperança de quê?

VICENTE

(Depois de examinar o governador com atenção)

Excelência: fala-se de... fala-se de... V. Ex.^a não pode ignorar que se fala de revolução.

D. MIGUEL

E liga-se o nome de meu primo a essa revolução?

VICENTE

O povo fala...

D. MIGUEL

O povo fala... E que interessa o que diz o povo?

VICENTE

Há quem diga que a voz do povo é a voz de Deus... Mas também há quem diga o contrário!

Bem vistas as coisas, que pode a voz do povo contra a voz d'el-rei?

UMA VOZ

(Vinda de fora do palco e aumentando a intensidade à medida que o principal Sousa se aproxima dos presentes)

Diz o "Eclesiastes" que, tendo Deus dividido o género humano em várias nações, a cada uma delas deu um príncipe que a governasse...

*(O principal Sousa surge no palco, impo-
nentemente vestido)*

É de origem divina o poder dos reis e é portanto a sua – e não a do povo – a voz de Deus.

VICENTE

(Com humildade)

O povo, Reverência, não leu o "Eclesiastes" e pouco se preocupa com a origem do poder. Interessa-lhe mais o preço do pão... Talvez, se o ensinassem a ler, tomasse conhecimento do "Eclesiastes"...

PRINCIPAL SOUSA

E talvez não, meu filho: a sabedoria é tão perigosa como a ignorância! Ambas podem afastar o homem de Deus e dos seus caminhos.

Sei bem como a palavra "liberdade", na boca dos demagogos, se torna aliciante e admito, até, que o soberano, por vezes, tenha ido contra a lei estabelecida, mas esta inter-

Fala com ironia, como um homem que, tendo sido aceite num clube de acesso difícil, se adapta imediatamente à linguagem dos sócios mais antigos.

rupção duma lei particular é justificada pela lei geral, que lhe confia todo o poder necessário para a salvação do Estado...

Compreendes, meu filho?

VICENTE

Se compreendo, Reverência! À medida que vou envelhecendo, a minha capacidade de compreensão torna-se cada vez maior...

D. MIGUEL

(Para o principal Sousa)

De toda a parte me vêm relatórios inquietantes, Reverência. O povo fala abertamente em revolução... Nas lojas de bebidas, murmurando-se o nome de Gomes Freire...

VICENTE

No Cais do Sodré há um café, Excelência, onde se reúnem todos os dias os defensores do sistema das cortes...

D. MIGUEL

A revolta de Pernambuco incendiou as almas.

PRINCIPAL SOUSA

Há que apagar o fogo perseguindo os insensatos, Sr. Governador. Se o poder é de

origem divina, os que contra ele se batem, a si mesmos trazem a condenação, como S. Paulo inculcou aos Romanos...

D. MIGUEL

(Para Vicente)

Tenho uma missão para si. Quero que se torne conhecido para os lados do Rato e que veja quem entra em casa de meu primo. Quero que me venha aqui trazer, todas as manhãs, uma lista das pessoas com quem o general se dá. Uma lista a que não falte ninguém. Se cumprir esta missão com o zelo que lhe impõe o seu dever e a gravidade da situação, prometo-lhe que não acabará os seus dias a pedir. Interessa-lhe a chefia dum posto de polícia?

VICENTE

Só me interessa, Excelência, a oportunidade de servir el-rei e a Pátria. Nada mais me interessa. Agora – ou mais tarde, como chefe de polícia – é o que farei...

(Vicente faz uma vénia.)

PRINCIPAL SOUSA

Vá, meu filho, e ajude-nos a cuidar do rebanho, indicando-nos as ovelhas tresmalhadas antes que elas contagiem as restantes.

Que Deus o proteja na sua missão.

Estende o braço num gesto que, não sendo o da bênção, deve, todavia, sugerir-lo.

(Vicente faz outra vénia e, ladeado pelos dois polícias, avança para o centro do palco enquanto a luz do fundo se apaga.)

VICENTE

(Rindo-se)

E falavam vocês de traição...

(Ri-se mais)

Como vêem, não se trata de traição, mas antes pelo contrário, de zelo e dedicação pela causa da Pátria e d'el-rei...

(Rindo-se mais ainda)

Até Deus está comigo, não ouviram? Diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és...

1.º POLÍCIA

(Irónico)

Referes-te a Deus ou a ti?

(Vicente ri. Saem os três pela esquerda, enquanto o principal Sousa e D. Miguel avançam até se encontrarem no centro e à frente do palco. Vêm falando)

PRINCIPAL SOUSA

Se a um ministro de Deus é permitido odiar, que o Senhor, um dia, perdoe o ódio que tenho aos Franceses...

Veja, Sr. D. Miguel, como eles transformaram esta terra de gente pobre mas feliz num antro de revoltados! Por essas aldeias fora é cada vez maior o número dos que só pensam aprender a ler... Dizem-me que se fala abertamente em guilhotinas e que o povo canta pelas ruas canções subversivas.

D. MIGUEL

A polícia não chega para arrancar os pasquins revolucionários das portas das igrejas...

O mundo parece estar atacado de loucura, Reverência...

PRINCIPAL SOUSA

Maior é, por isso mesmo, a nossa responsabilidade. Esta noite sonhei que nós, os governadores do Reino, tínhamos sido destacados, pelo Senhor, para a primeira linha de combate eterno entre o bem e o mal. Temos uma missão a cumprir, uma missão sagrada e penosa: a de conservar no jardim do Senhor este pequeno canteiro português. Enquanto a Europa se desfaz, o nosso povo tem de continuar a ver, no Céu, a Cruz de Ourique.

D. MIGUEL

Se a Europa nos desse ouvidos...

BERESFORD

(Avançando do fundo do palco e falando)

A Europa... A Europa... Deixai-a que ela

Em tom de confiança. Fala como um homem desiludido que, depois de ter dado o melhor do seu trabalho, se vê incompreendido e desacreditado.

Apointa para o tecto.

Beresford vem fardado. A farda, ainda que regulamentar, não é espaventosa e está um pouco usada.

O principal não gosta de Beresford e fala-lhe sem sorrir.

Beresford fala como quem fala a uma criança.

Fala para D. Miguel, mas vê-se que se refere a Beresford, para quem olha ao falar no Conselho da Regência.

nem se perde nem carece dos vossos conselhos.

(Cumprimenta os dois)

Excelências: não vim aqui para perder tempo com conversas filosóficas. Venho falar-lhes de coisas mais sérias.

PRINCIPAL SOUSA

O marechal Beresford sabe de alguma coisa mais séria do que a conservação do reino do Senhor?

BERESFORD

(Encolhendo os ombros)

Poupe-me os seus sermões, Reverência. Hoje não é domingo e o meu senhor não é vassalo de Roma.

PRINCIPAL SOUSA

(Para D. Miguel)

O reino de Deus está a saque e os inimigos do Senhor já não se encontram apenas na rua... Há-os nos palácios e no próprio Conselho da Regência. Ao que o mundo chegou, para que me veja obrigado a aceitar o auxílio dum herege a fim de combater outros hereges...

BERESFORD

Senhores: Deixemos o reino de Deus para outra ocasião. O que me traz aqui é bem mais grave.

Enquanto estamos a conversar – neste mesmo momento – conjura-se abertamente em Lisboa.

Dentro de minutos vem aqui um oficial repetir a VV. Ex.as o que me disse ontem, à noite, em minha casa.

Oiçam bem o que ele diz, porque, da decisão que tomarmos, depende a cabeça de V. Ex.^a, Sr. D. Miguel, os meus 16 000\$00 anuais e a possibilidade de o principal Sousa continuar a interferir nos negócios deste Reino.

D. MIGUEL

Querem matar-me?

BERESFORD

Talvez não o queiram, mas têm de o fazer.

Quando se carrega no gatilho duma espingarda, a bala tem necessariamente de sair, ainda que se tape a boca do cano com a mão, ou que ali o Sr. Governador reze três terços para a reter.

D. MIGUEL

(Falando sozinho)

Sempre a Revolução Francesa...

Não há receio nem ironia na voz de D. Miguel...

Beresford é um homem prático, que encara objectivamente a realidade. O seu tom de voz está de acordo com a sua maneira de ser.

(Para os dois)

Temos de a impedir seja como for.

Temos de a impedir com tal brutalidade que ninguém volte a conjurar neste Reino... Se o não fizermos, se tivermos piedade, ou escrúpulos, mais tarde ou mais cedo voltaremos ao mesmo.

BERESFORD

Conheço o nome de alguns conspiradores, mas não sei quem seja o chefe...

PRINCIPAL SOUSA

O nome do chefe é o que menos interessa. Ninguém se lembra do nome do tocador de trombeta que fez abater os muros de Jericó, mas Jericó caiu...

D. MIGUEL

(Para Beresford)

Quem é o oficial que nos anunciou?

BERESFORD

Um tal Andrade Corvo de Camões. Mau oficial, ignorante, e julgo, até, que pedreiro-livre.

PRINCIPAL SOUSA

Mas dedicado, ao que parece.

BERESFORD

Dedicado à sua própria causa, como todos os da sua laia... Pretende ser promovido pela denúncia, já que o não pode ser por mérito.

(Sorri)

É aquilo a que se chama aqui um bom rapaz: bem vestido, amigo dos prazeres e com tão poucos conhecimentos que, se el-rei voltasse do Brasil, bem o poderia fazer moço do paço...

D. MIGUEL

(Para Beresford)

Ainda há pouco saiu daqui um homem que confirmou tudo o que V. Ex.^a diz... Um tal Vicente...

BERESFORD

(Rindo-se)

Dois denunciantes: um Corvo e um Vicente. São as armas da cidade...

D. MIGUEL

Deve estar a chegar.

PRINCIPAL SOUSA

Vamos, então, recebê-lo.

Beresford fala com desprezo.

(Viram as costas ao público e encaminham-se para o fundo do palco enquanto, pela esquerda, entram Andrade Corvo e Morais Sarmento, embuçados.)

CORVO

800\$00 por ano! Com 800\$00 por ano, um homem pode fazer figura nesta cidade...

MORAIS SARMENTO

E a mim? Quanto me darão a mim?

CORVO

Não tome a sério o que lhe digo, capitão. Tudo isto não passa de uma esperança. É bem possível que não me dêem nada...

MORAIS SARMENTO

Com 800\$00 por ano, nunca mais punha os pés no regimento...

CORVO

Deixemo-nos de sonhos e vamos andando. Suas Excelências devem estar à nossa espera.

(Andrade Corvo dá um passo, mas o amigo agarra-lhe o braço e detém-no.)

MORAIS SARMENTO

Só uma coisa me preocupa...

CORVO

Que é?

MORAIS SARMENTO

O que vão dizer de nós.

CORVO

O que está feito, está feito. De qualquer forma, não se esqueça, capitão, de que nos enforcariam com toda a certeza se lhes passasse pela cabeça que tínhamos tido conhecimento de tudo e que tínhamos ficado calados...

(Sorri)

Olhe, meu amigo, a partir de hoje só temos uma coisa a fazer: ser mais realistas do que o próprio rei. Dessa forma compreenderão que actuamos por amor à Pátria e a el-rei...

MORAIS SARMENTO

Muitos duvidarão.

CORVO

Chamaremos jacobinos aos que duvidarem!

Sente-se que está preocupado.

Impaciente.

Fala rapidamente, com visível impaciência.

MORAIS SARMENTO

Chamar-nos-ão denunciantes...

CORVO

Desses diremos que são traidores à Pátria.

MORAIS SARMENTO

Não falarão connosco...

CORVO

Antes pelo contrário: nós é que lhes não falaremos...

MORAIS SARMENTO

Os nossos filhos...

CORVO

Usarão os nomes de suas mães e gastarão o dinheiro de seus pais... Vê como tudo é simples? Meu amigo: você desconhece o que se compra de respeitabilidade com uma pensão anual de 800\$00...

Vamos. Está a fazer-se tarde.

(Ilumina-se o palco. D. Miguel Forjaz, Beresford e o principal Sousa estão sentados em três cadeiras pesadas e ricas com aparência de tronos.)

BERESFORD

O capitão Andrade Corvo, de quem lhes falei, Excelências.

(Os governadores do Reino observam os recém-chegados com atenção, mas não esboçam um gesto para os cumprimentar.)

CORVO

Excelências: trago comigo um patriota que pode testemunhar o que ontem contei ao Sr. Marechal.

D. MIGUEL

(Rindo-se)

Os "patriotas" raras vezes andam sozinhos... Defendem-se sempre, andando em grupo, tal é o conhecimento que têm de si mesmos... Diga-me, Sr. Capitão, como se chama o "patriota" seu amigo?

CORVO

Pedro Pinto de Morais Sarmento, capitão.

BERESFORD

E quem lhe disse que eu precisava de testemunhas para crer no que ontem me contou?

A palavra "patriota" é proferida com ironia.

CORVO

Dois depoimentos valem mais do que um só.

D. MIGUEL

(Para os governadores)

Os "patriotas" acabam sempre por julgar os outros pelo conceito que de si próprios têm... Quando querem crédito para o que dizem, avançam sempre de prova em punho e testemunha ao lado...

(Para o capitão)

Dois depoimentos valem então mais do que um só? Isso não será, Senhor Capitão, a apologia do sistema das cortes?

CORVO

Excelência: referia-me a depoimentos de gente comum.

É evidente que um só depoimento de qualidade anula todos os restantes...

PRINCIPAL SOUSA

E só el-rei tem essa qualidade e só o Salvador a pode conferir...

D. MIGUEL

O seu nome não me é estranho. Alguém me disse que o Sr. Capitão exerceu grande

actividade numa loja maçónica designada pelo nome de "Virtude"... à Rua de São Bento.

CORVO

Nunca ocultei que, na verdade, andei perdido...

D. MIGUEL

Tem agora ocasião para nos mostrar que já o não anda. El-rei é generoso para com os seus súbditos dedicados, mas é implacável para com quem se perde pelos caminhos...

Conte-nos o que sabe.

CORVO

Senhor: há dois dias o meu amigo Morais Sarmiento entrou no botequim do Marrare e encontrou um tal Calheiros, que lhe mostrou uma proclamação contra o rei, o Sr. Marechal e os empregados públicos...

PRINCIPAL SOUSA

Essa proclamação referia-se à Igreja, meu filho?

MORAIS SARMENTO

Não, Reverência, não vi qualquer...

CORVO

Mas referia-se a V. Ex.^a, como governador que é do Reino...

BERESFORD

(Para os governadores)

Infelizmente não lhe foi possível obter a proclamação...

D. MIGUEL

Que é preciso obter a todo o custo. Que mais soube, capitão?

CORVO

Que se trama uma conspiração, Excelência.

D. MIGUEL

E quem a dirige?

CORVO

Não sei, Excelência.

BERESFORD

(Para os governadores)

Só o poderemos saber através destes

dois... "patriotas". Creio que teremos de lhes pedir que nos obtenham a proclamação...

D. MIGUEL

(Para os capitães)

Não lhes quero ocultar o que sei a vosso respeito. Tanto o Sr. Capitão Corvo como o Sr. Capitão Morais Sarmiento pertencem à Maçonaria e ambos estão, portanto, numa situação delicada.

(Levanta-se e passeia de um lado para o outro)

Para readquirirem a confiança da Regência, têm de a servir com o mesmo zelo com que serviram as suas lojas. Certamente lhes não será difícil fazê-lo... principalmente se souberem que os aguarda não só a confiança d'el-rei como algo mais substancial...

(Volta a sentar-se.)

BERESFORD

Tragam-nos a proclamação... obtenham-na seja como for...

CORVO

O Calheiros é de Santarém, Excelência. Conheço um amigo dele, um tal João de Sá Pereira, que bem manejado, talvez consiga...

PRINCIPAL SOUSA

Os pormenores, Sr. Capitão, são consigo. Não me interessa saber como são castigados os inimigos do Senhor mas, apenas, que o são.

BERESFORD

Não percam tempo, senhores. O momento é grave e a causa justa. Vão.

(Corvo e Morais Sarmiento saem pela esquerda do palco.)

BERESFORD

(Para o principal Sousa)

Não se pode dizer, Reverência, que para esta seara os braços sejam poucos...

PRINCIPAL SOUSA

Ainda há portugueses honrados nos tempos que correm...

BERESFORD

(Rindo-se)

Atrás de nós...

PRINCIPAL SOUSA

(Que não compreendeu o marechal)

O tom é trocista. Beresford não perde ocasião de provocar o principal.

Atrás de nós?

BERESFORD

Limitei-me a completar a sua frase, Reverência. Espero que não tenha ilusões acerca da revolta que se trama! É o tempo, Reverência, o tempo que corre atrás de nós. O velho está sempre a ceder perante o novo e o novo sempre a destruir o velho...

PRINCIPAL SOUSA

Trama-se contra el-rei, e V. Ex.^a brinca!

BERESFORD

(Rindo-se)

Não brinco, Reverência, não brinco... Dentre nós, só V. Reverência brinca... e com o fogo!

PRINCIPAL SOUSA

Fala de tal forma que ninguém o entende.

BERESFORD

Preferia, certamente, que me exprimisse em latim?

Catalogando-o de humorista, finge não compreender a ironia dos seus comentários e assim se justifica junto dos outros, por não lhe responder.

O tom do marechal é sempre jocoso. Sente-se que não toma os Portugueses a sério, embora esteja disposto a colaborar com eles na medida do necessário para a obtenção dos seus fins.

D. MIGUEL

(Com autoridade)

Senhores! A paz deste Reino e a missão que el-rei nos confiou não permitem que percam tempo com conversas fúteis.

Trama-se uma conjura destinada a atacar a própria estrutura da sociedade em que vivemos. Se não tomarmos as necessárias precauções, dentro em breve teremos a desordem nas ruas e a anarquia nas almas!

BERESFORD

E não estaremos cá para assistir ao espectáculo...

PRINCIPAL SOUSA

Deus Nosso Senhor não permitirá que se destrua a Sua autoridade!

BERESFORD

(Rindo-se)

Como a vida num país pequeno acaba por atrofiar as almas!... Diga-me, Reverência, onde estava Deus Nosso Senhor, em 1793, quando os Franceses cortaram a cabeça ao representante da Sua autoridade?

PRINCIPAL SOUSA

Excelência! Vai longe de mais nos seus gracejos!

BERESFORD

Neste Conselho só eu me posso dar ao luxo de gracejar! Se a autoridade de Deus Nosso Senhor for discutida, VV. Ex.as, como representantes que são dessa autoridade, seguirão o destino que ela tiver... mas eu – um simples técnico estrangeiro – serei devolvido à procedência... voltarei à minha terra, onde os hereges, Reverência, regulamentaram a autoridade do Senhor a tempo de evitar a guilhotina.

(Levanta-se e encaminha-se para a esquerda do palco)

Como vê, Reverência, sou o único dos presentes que se pode dar ao luxo de gracejar...

(Olhando para a rua, dum janela)

Está um lindo dia! Na minha terra, quando apanhamos um dia assim, saímos a cavalo. Os prados são tão verdes, Excelências, que os olhos acabam por se cansar. E as árvores... quem não viu as árvores da minha terra, nunca viu árvores...

D. MIGUEL

Também aqui se pode sair a cavalo...

O principal Sousa nunca conseguiu discutir com o marechal. Defende-se dele negando-lhe a seriedade necessária a uma discussão.

Através da janela, Beresford contempla uma paisagem portuguesa e descreve as belezas naturais da sua terra. Esta situação é, em si mesma, uma crítica a Portugal, que ele, como se depreende, despreza.

Fala lentamente. Está a lembrar-se de tudo o que deixou atrás de si.

BERESFORD

Sim, também aqui se pode sair a cavalo, mas os prados são secos, Excelência, e as árvores tão entisicadas que parecem ter sido todas plantadas pelo principal Sousa...

PRINCIPAL SOUSA

(Com fúria)

Então porque se não vai embora? Porque não regressa aos seus prados e às suas árvores?

BERESFORD

Porque não tenciono regressar sem ter assegurado um futuro que me compense dos sacrifícios do presente, Excelência. Sou dum terra onde as leis são humanas, as pessoas cultas e a vida cheia de sentido... Sou dum terra onde um homem vive como um homem...

(Pausa)

E estou aqui, entre vós, discutindo filosofias mortas e preparando execuções!

(Encolhe os ombros e vira-se para os restantes governadores)

Que me dais, senhores, para me compensar de tudo o que fui forçado a abandonar para os servir? Honras? E quem mas presta? O vosso exército pindérico? Os vossos doutores em Teologia?

(*Ri-se*)

Títulos? Mas quem é o marquês do Campo Maior fora do botequim do Marrare?

(*Ri-se*)

Não, Excelência, não! Pretendo uma única coisa de vós: que me pagueis – e bem! Tão bem que, ao voltar à minha terra, possa olhar para trás sem lamentar os anos que por cá perdi.

Estou aqui pelos mesmos motivos que vos levam a viver durante anos nas florestas do Brasil e, por isso mesmo, sou o mais fiel e o mais dedicado dos vassallos deste Reino. É preciso acreditar no poder divino d'el-rei? Cá está o marechal Beresford para acreditar no poder divino d'el-rei. É preciso assistir ao *Te Deum* do Principal Sousa? Cá está o marechal Beresford, marquês de Campo Maior, para assistir a todos os *Te Deums* a que seja necessário assistir, desde que lhe paguem, ao fim do ano, a quantia que um dia lhe permitirá, na sua terra, viver como *gentleman*!

D. MIGUEL

Um mercenário!

BERESFORD

(*Rindo-se*)

Troco os meus serviços por dinheiro, Excelência. Há quem os troque por uns anos no poder e há quem os troque por outras coisas. Haveis de compreender, senhores, que esta não é a minha pátria e que não é por patrio-

Sente-se nesta frase do marechal um sarcasmo violento que reduz os presentes, a cidade e o país a uma insignificância provinciana e total.

Encolhe os ombros num gesto de desprezo.

tismo que vos estou reorganizando o exército. Mas... deixemo-nos de conversas inúteis! Não interessa agora saber o que leva cada um de nós a actuar desta ou daquela maneira. O que interessa é saber qual é a melhor forma de sufocar a revolta que se prepara.

(*Sorri*)

Senhores, afirmo-vos em nome dos meus 16 000\$00 anuais, que farei tudo o que for necessário para os continuar a receber!

D. MIGUEL

Conto consigo, Excelência!

PRINCIPAL SOUSA

Não lhe oculto que não gosto de si, Sr. Marechal, mas sei que no momento presente preciso do seu auxílio.

(*Para D. Miguel*)

Quem será, Sr. Governador, o chefe da conjura?

D. MIGUEL

(*Rindo-se*)

Que importa? Essa pergunta, Reverência, não é digna dum estadista. Que um irresponsável queira saber quem é o chefe duma conspiração, entende-se, mas que um estadista também o queira, já não.

Perante uma conjura, o estadista esfrega as mãos, Reverência, e agradece ao Senhor a oportunidade de aniquilar alguns inimigos de Deus e do Estado.

(Levanta-se)

A pergunta é: quem deverá, ou convirá, que tenha sido o chefe da revolta?

PRINCIPAL SOUSA

E condena-se um inocente?

D. MIGUEL

Não há inocentes, Reverência. Em política, quem não é por nós, é contra nós.

(Entra Vicente pela esquerda do palco.)

VICENTE

Senhores! Senhores! Ontem à noite entraram mais de dez pessoas em casa de...

D. MIGUEL

Cuidado!

VICENTE

(Atrapalhado. Olhando à sua volta)

Entraram mais de dez pessoas na casa que

O principal Sousa, que só no segundo acto se revela inteiramente, apenas pretende salvar a sua consciência, isto é, apenas deseja ser convencido, pelos outros, da necessidade de tomar as medidas, que, aliás, já está inteiramente decidido a tomar.

fui incumbido de vigiar...

D. MIGUEL

Conhece-lhes os nomes?

VICENTE

Só de sete, senhor.

D. MIGUEL

(Para Vicente)

Está bem. Continue.

(D. Miguel, depois de Vicente ter saído pela esquerda do palco, prossegue para os governadores)

A questão que temos de resolver, Excelência, é, portanto, bem simples. Consiste apenas em chegarmos a acordo acerca da pessoa que mais nos convém que tenha sido o chefe da conjura.

PRINCIPAL SOUSA

Não me agrada a condenação dum inocente.

BERESFORD

Está nas suas mãos, Reverência, evitar que seja condenado um inocente...

PRINCIPAL SOUSA

Como?

BERESFORD

(Sorrindo)

Nomeando quem tenha na alma a semente do jacobinismo...

Se peca quem não acata a palavra de Deus, mais peca, com certeza, quem não aceita ou discuta a Sua autoridade... V. Reverência ainda há pouco disse que a autoridade dos reis provinha de Deus...

PRINCIPAL SOUSA

Na verdade...

BERESFORD

(Rindo-se)

Até os mercenários sabem teologia... São eles, aliás, que mais vezes carecem dela. A consciência humana, Reverência, satisfaz-se com meia dúzia de artifícios mentais.

PRINCIPAL SOUSA

Lá está V. Ex.^a brincando outra vez!

(Pausa)

Digam-me: já pensaram em alguém?

A ingenuidade do principal Sousa não é verdadeira. Este prelado defende-se, sempre, tentando mostrar-se alheio à política e às decisões em que intervém.

Beresford fala sozinho.

Estaca. A última frase é proferida no tom de quem já pensou no assunto.

D. MIGUEL

O problema é delicado.

BERESFORD

(Levanta-se e passeia dum lado para o outro do palco)

A minha missão consiste em reorganizar o exército e é meu inimigo, portanto, quem me dificulta esta missão.

(A luz que incide sobre D. Miguel e o principal Sousa começa a diminuir de intensidade até desaparecer, ficando apenas Beresford iluminado)

É, também, meu inimigo quem me possa substituir na organização do exército... ou lá se vão os meus 16 000\$00. Dizem que eu sou um grande sargento e um mau oficial, que sei organizar um exército, mas que não o sei comandar em campanha.

Basta que surja um oficial com um passado brilhante para me destronar...

Não devo esquecer-me de que estou rodeado de inimigos: o clero odeia-me porque não sou da sua seita; a nobreza, porque não lhe concedo privilégios; o povo, porque me identifica com a nobreza, e todos, sem excepção, porque sou estrangeiro...

O próprio D. Miguel só vê em mim uma limitação ao seu poder...

Neste país de intrigas e de traições, só se entendem uns com os outros para destruir um inimigo comum e eu posso transformar-me nesse inimigo comum, se não tiver cuidado.

(Pausa)

Não é prudente ainda dizê-lo aos outros, mas não há dúvida de que existe um português capaz de me destronar...

(Fala agora para D. Miguel e o principal Sousa, que surgem subitamente iluminados)

Senhores, temos de encontrar alguém que tenha prestígio no exército. Julgo que nos convém um oficial de patente elevada, com um bom passado militar. Concretamente, não sei de ninguém que lhes possa indicar.

(Senta-se e, pela direita do palco, entra Andrade Corvo embuçado.)

CORVO

Excelências: Já partiram para a província emissários dos conjurados e sei que é elevado o número de pessoas envolvidas na conspiração.

Cá ando, sempre fiel a el-rei, na missão de que me incumbiram...

(Sai pela esquerda do palco.)

PRINCIPAL SOUSA

Mas, Srs. Governadores, sem provas, sem nada com que demonstramos a culpabilidade do réu, onde encontraremos oficiais que o prendam e juízes que o condenem?

D. MIGUEL

Nada há de mais fácil, Reverência. Para o público não compreender o que se passa, o julgamento será secreto, e para evitar o perdão de el-rei, a execução seguir-se-á imediatamente à sentença.

PRINCIPAL SOUSA

E quanto a juízes?

D. MIGUEL

Reverência: as provas judiciais pertencem ao domínio da razão e, se não pudermos condenar nesse domínio, faremos com que o julgamento decorra no outro, o da emoção, já que a emoção, Reverência, nem carece de provas, nem se apoia na razão.

PRINCIPAL SOUSA

E a quem recorreremos?

D. MIGUEL

A "patriotas", Reverência. Há-os sempre prontos a condenar o que não entendem e a classificar de racionais os seus estados emotivos. Os estadistas recorrem a tal gente sempre que a mais nada podem recorrer...

PRINCIPAL SOUSA

Mas... prestar-se-ão a isso?

D. MIGUEL

A tudo, Reverência, a tudo! Aliás, os seus serviços não serão gratuitos... Para o juiz da Inconfidência irão os bens do condenado... Para os restantes, Reverência, comendas e promoções... El-rei é generoso!

BERESFORD

Verá, Reverência, que também não faltarão braços para esta seara... basta prometer melhoria de rancho a todos os que colaborarem...

PRINCIPAL SOUSA

Não seria preferível meter todos os conspiradores numa fragata, e mandá-los...

(Entra pela direita do palco Morais Sarmiento, que interrompe o principal.)

MORAIS SARMENTO

Excelências: a conspiração destina-se a implantar neste Reino o sistema de cortes!

D. MIGUEL

(Depois de um momento de espanto)

Aqui tem, Reverência, a resposta à sua pergunta.

Não! Não e não! Meter essa gente numa fragata seria dar a tudo um ar de violência e

Zombeteiro.

Os denunciadores valorizam os seus serviços exagerando a gravidade da conjura.

de injustiça que só serviria os projectos dos seus aderentes. É preciso acabar de vez com esta gangrena. Já pensou em alguém, Reverência, que a Deus e ao Estado convenha liquidar?

PRINCIPAL SOUSA

São muitos os inimigos do Senhor, nos dias que vão correndo. Fala-se de Deus com ironia e da sua Igreja como se de letra morta se tratasse...

Os piores, Srs. Governantes, são os pedreiros-livres... Ninguém mais do que eles contribui para o alastramento da gangrena. Quem será o chefe da Maçonaria?

(Entra Vicente pela esquerda do palco.)

VICENTE

Grande número de conspiradores são oficiais, mas há muitos civis que aguardam a revolta com entusiasmo...

(Entra Corvo pela direita do palco.)

CORVO

No estado em que se encontra o Reino, basta um grito na rua para que as labaredas alastrem de norte a sul...

VICENTE

E para que o sangue corra nas ruas.

CORVO

De cada árvore farão uma forca, de cada cave uma prisão...

PRINCIPAL SOUSA

Tenho medo...

(Para D. Miguel)

Senhor Governador, tenho medo. Há dois dias que quase não durmo e mesmo, quando passo pelo sono, perseguem-me imagens terríveis: imagino-me réu perante um tribunal que me não respeita.

Dedos imundos tocam-me as vestes. Sonhei já três vezes que estava no Campo de Sant'Ana, subindo ao cadafalso, enquanto à minha volta os gritos do povo me não deixavam, sequer, ouvir a sentença...

BERESFORD

(Para Vicente e para Corvo)

Os chefes?! Quem são os chefes?

CORVO

Fala-se deste e daquele, mas ninguém sabe ao certo.

BERESFORD

Quero saber quem são os chefes. Comprem

quem for preciso, vendam a alma ao diabo, mas tragam-nos os nomes dos chefes...

(Corvo e Vicente saem.)

D. MIGUEL

Eu também tenho medo, senhores, mas o meu medo não é semelhante ao vosso. Pouco me importa a fortuna ou a vida, ambas daria de boa vontade, se me fosse necessário fazê-lo, pela minha terra. A Pátria, Excelências, não é, para mim, uma palavra vã... Se algum sonho tenho, se a um estadista é permitido sonhar, o meu sonho é de não morrer sem exterminar de vez as sementes da anarquia e do jacobinismo... Sonho com um Portugal próspero e feliz, com um povo simples, bom e confiante, que viva lavrando e defendendo a terra, com os olhos postos no Senhor.

Sonho com uma nobreza orgulhosa, que, das suas casas, dirija esta terra privilegiada. Vejo um clero, uma nobreza e um povo conscientes da sua missão, integrados na estrutura tradicional do Reino...

Não lhes nego, Excelências, que não sou um homem do meu tempo.

Um mundo em que não se distinga, a olho nu, um prelado dum nobre, ou um nobre dum popular, não é mundo em que eu deseje viver.

Não concebo a vida, Excelências, desde que o taberneiro da esquina possa discutir a opinião d'el-rei, nem me seria possível viver desde que a minha opinião valesse tanto como a de um arruaceiro.

Pergunto-vos, senhores: que crédito, que honras, que posições seriam as nossas, se ao povo fosse dado escolher os seus chefes?

BERESFORD

Já que temos ocasião de crucificar alguém, que escolhamos a quem valha a pena crucificar... Pensou em alguém, Excelência?

D. MIGUEL

(Passeando agitadamente à frente do palco)

Sou um homem de gabinete. Não tenho as qualidades necessárias para falar ao povo...

(Começa a apagar-se a luz que incide sobre Beresford e o principal Sousa)

Repugna-me a acção, estaria politicamente liquidado se tivesse de discutir as minhas ordens...

Não sou, e nunca serei, popular. Quem o for, é meu inimigo pessoal.

(Pausa)

No estado em que se encontra o Reino, basta o aparecimento de alguém capaz de falar ao povo para inutilizar o trabalho de toda a minha vida... E há quem seja capaz de o fazer...

(Entram Corvo e Vicente, respectivamente pela esquerda e pela direita do palco.)

VICENTE

Excelências, todos falam num só homem...

Abre os braços no gesto dramático de quem faz uma revelação importante e inesperada.

Começam a ouvir-se tambores ao longe, muito em surdina.

CORVO

Um só nome anda na boca de toda a gente.

(Surge Morais Sarmento, que avança do fundo do palco.)

MORAIS SARMENTO

Senhores Governadores: onde quer que se conspire, só um nome vem à baila.

CORVO

O nome do general Gomes Freire d'Andrade!

(Acende-se a luz que ilumina Beresford e o principal Sousa.)

D. MIGUEL

Senhores Governadores: aí tendes o chefe da revolta. Notai que lhe não falta nada: é lúcido, é inteligente, é idolatrado pelo povo, é um soldado brilhante, é grão-mestre da Maçonaria e é, senhores, um estrangeiro...

BERESFORD

Trata-se dum inimigo natural desta Regência.

PRINCIPAL SOUSA

Foi Deus que nos indicou o seu nome.

D. MIGUEL

(Sorrindo)

Deus e eu, senhores! Deus e eu...

CORVO

Mas, senhores, nada prova que o general seja o chefe da conjura.

Tudo o que se diz pode não passar de um boato...

D. MIGUEL

Cale-se! Onde está a sua dedicação a el-rei, capitão?

PRINCIPAL SOUSA

Agora me lembro de que há anos, em Campo d'Ourique, Gomes Freire prejudicou muito a meu irmão Rodrigo!

D. MIGUEL

Se eu fosse a falar do ódio que lhe tenho...

D. Miguel anda, no palco, dum lado para o outro, com passos decididos.

BERESFORD

O marquês de Campo Maior tem razões para odiar a Gomes Freire...

D. MIGUEL

E, agora, meus senhores, ao trabalho! Para que o país não se levante em defesa dos conjurados há que prepará-lo previamente. Há gente, senhores, que sente grande ardor patriótico sempre que os seus interesses estão em perigo. Há que provocar esse ardor. Há que pôr os frades, por esse país fora, a bramar dos púlpitos contra os inimigos de Deus. Há que procurar em cada regimento um oficial que se preste a dizer aos soldados que a Pátria se encontra ameaçada pelo inimigos de dentro. Há que fazer tocar os tambores pelas ruas para se criar um ambiente de receio.

Os estados emotivos, Srs. Governadores, dependem da música que se tem no ouvido. Para que se mantenham, é necessário que as bandas não parem de tocar.

Quero os sinos das aldeias a tocar a rebate, os tambores, em fanfarra, nas paradas dos quartéis, os frades aos gritos nos púlpitos, uma bandeira na mão de cada aldeão!

(Começa a entrar povo pela direita e pela esquerda do palco. Os tambores tocam sem cessar).

Quero o país inteiro a cantar em coro. Lembrai-vos, senhores, de que uma pausa pode causar uma ruína de todos os nossos projectos!

(Entra pela direita do palco um púlpito a que o principal Sousa sobe. Começa a ouvir-se um sino tocar a rebate.)

PRINCIPAL SOUSA

(Do púlpito)

Meus filhos, meus filhos, a Pátria está em perigo! Os inimigos de Deus preparam, na sombra, a ruína dos vossos lares, a violação das vossas filhas, a morte d'el-rei!

D. MIGUEL

Portugueses: a hora não é para contemplações! Sacrifiquemos tudo, mesmo as nossas consciências, no altar da Pátria.

PRINCIPAL SOUSA

Morte aos inimigos de Cristo!

D. MIGUEL

Morte ao traidor Gomes Freire d'Andrade!

(Apagam-se todas as luzes. As personagens ficam na penumbra agitando os braços e erguendo bandeiras no ar. Durante um espaço de tempo muito curto, ouvem-se os sinos e os tambores.)

CAI O PANO

Os tambores entram em fanfara e o palco enche-se de soldados.



O segundo acto começa precisamente como o primeiro. Os actores devem ocupar no início deste acto as mesmas posições que ocupavam no primeiro, a fim de os espectadores compreenderem não se tratar esta semelhança dum acidente ocasional.

ACTO II

Ao abrir o pano a cena está às escuras. Uma única personagem, intensamente iluminada, encontra-se à frente e ao centro do palco. É o popular que deu início ao primeiro acto.

MANUEL

Que posso eu fazer? Sim, que posso eu fazer?

(Dá dois passos em direcção ao fundo do palco. Detém-se)

Sempre que há uma esperança os tambores abafam-lhe a voz...

Sempre que alguém grita os sinos tocam a rebate...

(Pausa)

E cai-nos tudo em cima: o rei, a polícia, a fome...

(Levanta os braços ao alto)

Até Deus!

(Deixa cair os braços num gesto de desânimo)

E ficamos pior do que estávamos... Se tínhamos fome e esperança, ficamos só com fome... Se, durante uns tempos, acreditámos em nós próprios, voltamos a não acreditar em nada...

(Num tom de voz humilde e trémulo)

Uma esmola por alma de quem lá tem, meu senhor...

Também sou homem, também tenho fome, filhos que queria ver homens, olhos para ver o luar, voz para dizer o que sinto, costas que morro a vergar... Uma esmola por alma de quem lá tem, senhor...

(Estende a mão. Num gesto brusco toma a posição do indivíduo a quem estava a falar. Assume uma atitude nobre. Torna-se duro e ríspido)

Tome lá cinco réis, homenzinho, e cale-se. Não me toque! Estenda a mão... vá! E deixe-se de lamúrias! Não é preciso que me ensine os meus deveres de cristão; eu amo o próximo como a mim mesmo.

(Faz o gesto de quem deixa cair uma moeda na mão dum pobre)

Afaste-se! Deixe-me passar.

(Dum salto volta à sua posição inicial, estende a mão e adopta, novamente, o tom de voz anterior)

Muito obrigado, meu senhor!

(Faz uma vénia)

Manuel representa agora, e quase simultaneamente, dois papéis. Quando passa dum para o outro, os seus gestos devem ser rápidos e enérgicos para que o público compreenda o que se está passando.

Fala com ironia, mas a frase deve ser proferida de forma a compreender-se que ainda a dirige à personagem que se afasta.

Agora, fala sozinho e o seu tom de voz é, portanto, o habitual.

Muito obrigado, meu senhor, pelo favor de me amardes como a vós mesmo.

(Finge examinar a moeda imaginária que acaba de receber)

No Dia do Juízo, Deus Nosso Senhor levar-vos-á em conta estes cinco réis...

(Faz uma nova vénia e fica todo inclinado para a frente, seguindo com os olhos a personagem imaginária que se afasta. Por fim, endireita-se e fica parado, no palco, em atitude de meditação)

Esta madrugada prenderam Gomes Freire...

Levaram-no, escoltado, para S. Julião da Barra.

Já de lá não sai vivo!

(Para o palco)

Que mais sabem vocês da prisão do general?

Ilumina-se o fundo do palco, que se encontra repleto de gente do povo disposta exactamente como para a cena de abertura do 1.º acto.

1.º POPULAR

Do general?

(Ri-se)

Homem, vossemecê anda atrasado!

2.º POPULAR

Passaram toda a noite a prender gente por essa cidade...

3.º POPULAR

(Falando da outra extremidade do palco)

Os quartéis ainda estão de prevenção, e lá para os lados do Rato são mais os soldados do que as pedras...

O ANTIGO SOLDADO

(Visivelmente acabrunhado)

Prenderam o general... Para nós, a noite ainda ficou mais escura...

1.º POPULAR

É por pouco tempo, amigo. Espera pelo clarão das fogueiras...

O ANTIGO SOLDADO

E agora?

(Ninguém responde. Pela direita do palco entram os dois polícias.)

1.º POLÍCIA

(Como que espantado por ver tanta gente reunida)

O tom é profético e a voz triste.

A pergunta deve ficar como que suspensa no espaço durante uns segundos, de forma a que a entrada dos polícias pareça responder-lhe.

Perderam a alma. Dir-se-ia que a prisão de Gomes Freire lhes tirou a vontade de viver.

Já a caminho de sair do palco.

Olhem para isto!

2º POLÍCIA

Daqui para fora! Vá: todos daqui para fora! Então vocês não sabem que estão proibidos os ajuntamentos?

(O povo levanta-se e começa a abandonar o palco sem pressa.)

MANUEL

Ajuntamentos só nas cadeias, não é?

1.º POLÍCIA

Toca a andar, e nada de perguntas!

1.º POPULAR

Posso dormir com a minha mulher ou também formamos um ajuntamento?

2.º POLÍCIA

(Para o colega)

Não lhe respostas!

(Para o povo)

É andar e depressa, ou vão ver o que lhes acontece!

(Saem todos, uns pela direita e outros pela esquerda.)

A iluminação do fundo desaparece gradualmente. Manuel e Rita ficam para trás e conversam à frente e ao centro do palco.)

MANUEL

E eu na descarga das barcaças, todo o dia sem saber de nada!

RITA

Eu vi o general sair de casa. Arrombaram-lhe as portas e nem lhe deram tempo de vestir-se. Só conseguiu calçar as botas à saída.

(Pausa)

A mulher ficou a chorar até de manhã. Passei-lhe à porta e ouvi-a soluçar.

Deu-me vontade de fugir, de largar a correr por essas ruas fora e de me deitar ao Tejo!

(Dum salto agarra-se ao pescoço do marido)

Nunca te metas nestas coisas, Manuel! Haja o que houver, nunca te metas com eles. Prefiro ver-te com fome, a perder-te.

(Pausa)

Como ela chorava, santo Deus! Parecia um animal ferido a ganir à beira duma estrada...

(Entra o 1.º polícia.)

Relata o facto com certa emoção.

Há desespero e revolta no tom de voz de Rita.

O gesto é espontâneo e ditado por um impulso súbito que Manuel mostra compreender passando a mão pelos cabelos da mulher.

Está a falar sozinha. Já o estava, possivelmente, antes de surgir no palco.

1.º POLÍCIA

Então? Não ouviram as minhas ordens?

(O polícia sai. Rita e Manuel seguem-no.)

RITA

Parece que ainda a estou a ouvir...

(Rita sai. Surge, a meio do palco, intensamente iluminada e sentada numa cadeira tosca, Matilde de Melo – uma mulher de meia-idade, vestida de negro e desgrehada.)

MATILDE

Ensina-se-lhes que sejam valentes, para um dia virem a ser julgados por covardes!

Ensina-se-lhes que sejam justos, para viverem num Mundo em que reina a injustiça!

Ensina-se-lhes que sejam leais, para que a lealdade, um dia, os leve à forca!

(Levanta-se)

Não seria mais humano, mais honesto, ensiná-los, de pequeninos, a viverem em paz com a hipocrisia do mundo?

(Pausa)

Quem é mais feliz: o que luta por uma vida digna e acaba na forca, ou o que vive em paz com a sua inconsciência e acaba respeitado por todos?

(Encaminha-se para uma cómoda velha)

que surge, iluminada, à sua esquerda)

Se o meu filho fosse vivo, havia de fazer dele um homem de bem, desses que vão ao teatro e a tudo assistem, com sorrisos alarves, fingindo nada terem a ver com o que se passa em cena!

(Pausa)

Havia de lhe ensinar a mentir, a cuidar mais do fato que da consciência e da bolsa do que da alma.

(Abre uma gaveta da cómoda e tira dela um uniforme velho de Gomes Freire)

Se o meu filho fosse vivo... Havia de morrer de velhice e de gordura, com a consciência tranquila e o peito a abarrotar de medalhas!

(Coloca o uniforme de Gomes Freire sobre a cadeira)

Tudo isso o meu homem poderia ter tido...

(Acaricia o uniforme)

Se tivesse sido menos homem...

(Pausa)

Podíamos estar, agora, aqui, ouvindo os pregões que soam a cantigas, lá fora, na rua...

(Pausa)

Abriamos a janela ao sol da manhã e

Fala com rancor.

Fala com determinação. Está a tentar convencer-se a si mesma.

Olha para o uniforme dando a entender que já não estava a falar do filho, mas do próprio Gomes Freire.

aquecíamos-nos os dois...

(Pausa)

Ele dava-me a mão, eu dava-lhe a minha, e ficávamos, para aqui, a conversar...

Falávamos das batalhas em que ele andou...

Relembrávamos o nosso hotel de Paris... os passeios que dávamos ao longo do Sena... os dias felizes que passámos juntos... o tempo em que sonhávamos voltar a esta maldada terra...

(Passa a mão pelo uniforme com ternura)

Podíamos viver aqui esquecidos dessa gente que o odeia.

(Encaminha-se para a esquerda do palco)

Era tão fácil... Tão mais fácil que tudo isto...

(Faz o gesto que fecha uma janela)

Fechávamos as janelas. Trancávamos a porta. Era como se estivéssemos outra vez lá fora, longe das intrigas mesquinhas em que esta gente se perde e perde a vida...

(Pausa)

Mas não pode ser e, agora, estou sozinha. Sozinha e rodeada de inimigos numa terra hostil a tudo o que é grande, numa terra onde só cortam as árvores para que não façam sombra aos arbustos...

(Começa a chorar)

Tenho o corpo no Rato e a alma em S. Julião da Barra, mas enquanto houver vida nestas pernas cansadas... e força nestas mãos que Deus me deu...

(Endireita-se. Parece crescer no palco)

Enquanto tiver voz para gritar... Baterei a todas as portas, clamarei por toda a parte, mendigarei, se for preciso, a vida daquele a quem devo a minha!

(Cai de joelhos, com os braços em torno da cadeira e, soluçando, enterra a cabeça no uniforme de Gomes Freire. Pela esquerda do palco surge António de Sousa Falcão.)

SOUSA FALCÃO

Matilde: não sei o que lhe diga, nem sei o que pense. Só sei que tenho o coração dilacerado, apesar de saber, há anos, que tudo isto tinha de acontecer.

(Pausa)

O Reino caiu nas mãos duma gente mesquinha que chama alma ao estômago e que eleva regulamentos policiais à categoria de princípios sagrados... Eu bem lhes dizia que não voltassem!... Matilde: sempre que chega alguém de fora, abalam os alicerces do Reino!

Os reis do Rossio vivem no pavor de toda e qualquer pessoa capaz de gritar que eles vão nus.

A partir desta frase a entoação torna-se vigorosa e, até, violenta.

O desânimo de António é evidente. Pode exteriorizar-se pelos ombros descaídos e pelos braços pendentes.

António de Sousa Falcão foi o amigo inseparável de Matilde e de Gomes Freire.

Com desânimo.

MATILDE

(Erguendo o rosto)

António: você, que foi sempre o seu maior amigo e que o conhece há anos, sabe que ele não gritava. Olhe que nem saía de casa, com medo que o povo o aclamasse.

Juro-lhe que nunca conspirou!

SOUSA FALCÃO

A sua vida inteira foi uma conspiração permanente contra o que esta gente representa!

MATILDE

Deus não permitirá que lhe façam mal!

SOUSA FALCÃO

Deus!? Esta gente concebeu um Deus à sua imagem e semelhança!...

O Deus deste Reino é um fidalgo respeitável que trata como amigo a Pôncio Pilatos.

(Caminha em direcção a Matilde)

Vive num solar brasonado e dá esmolas, ao domingo, por amor de Deus.

(Estava junto de Matilde)

Anda tão habituado a pisar tapetes, que lhe inchariam os pés se tivesse de voltar às estradas da Galileia! O Deus deste Reino,

Matilde, não quer ouvir falar de Deus, e quando alguém lhe pergunta como se perdeu pelo caminho, entra em explicações tão profundas e tão complicadas, que só ele as entende...

MATILDE

(Levantando-se)

Então, António, terei de recorrer aos homens.

SOUSA FALCÃO

Neste Reino, os homens fizeram Deus à sua imagem e semelhança e, depois, fizeram-se à imagem e semelhança desse Deus.

MATILDE

Hão-de ouvir-me!

SOUSA FALCÃO

Eles só têm ouvidos para a sua própria voz!

(Matilde dirige-se à cómoda e, enquanto fala, tira duma gaveta um xaile que põe à volta dos ombros.)

MATILDE

Serei, então, a voz da sua consciência. Ninguém consegue viver sem ouvir a voz da consciência, António.

SOUSA FALCÃO

E eu vou saber dele. Ainda que sem esperança, vou fingir que a tenho. Isso devo-lhe a ele e devo-me a mim. Vamos.

MATILDE

(Apoiando-se no braço de Sousa Falcão)

Que estará ele fazendo a esta hora, fechado numa cela em S. Julião da Barra? Adivinhe-lhe os gestos e os pensamentos.

Está preocupado por minha causa.

Sabe que nunca o deixei sozinho e a maior das suas dores é o conhecimento que tem da minha dor.

SOUSA FALCÃO

(Com ternura)

Todos somos chamados, pelo menos uma vez, a desempenhar um papel que nos supera. É nesse momento que justificamos o resto da vida, perdida no desempenho de pequenos papéis indignos do que somos.

Chegou a nossa hora, Matilde.

Vamos.

(Avançam para a frente do palco enquanto desaparece gradualmente a luz que iluminava a cómoda e a cadeira. A meio caminho, António de Sousa Falcão afasta-se e sai pela esquerda. Matilde fica isolada ao centro, e à frente do palco.)

MATILDE

Na esteira do meu homem percorri, sozinha, metade das estradas da Europa, e nunca me senti tão só como hoje...

Quero defender tudo o que tenho e não sei por onde hei-de começar...

É o destino de todas as mulheres. Temos um filho, queremos superar-nos através dele, fazer que ele seja alguém e não sabemos por onde começar...

(Pausa)

Chega-nos o homem a casa, farto das batalhas do dia-a-dia, cansado de morrer aos poucos – queremos fazê-lo renascer, chegar com a nossa ternura ao fundo do seu coração, e não sabemos por onde começar...

(Pausa)

Despertamos a meio da noite, damos com o nosso homem, acordado, com os olhos postos sabe-se lá em quê, queremos dar-lhe a mão, ver o que ele vê, e não sabemos por onde começar...

(Pausa)

Um dia, encontramos o nosso homem a sonhar um outro mundo – sabemos que esse sonho põe termo à paz que tanto desejamos, e, mesmo assim, queremos dizer-lhe que siga o seu caminho, que iremos com ele até ao fim, mas não sabemos por onde começar...

Mas é preciso começar! Estivesse eu em S. Julião da Barra, e já ele teria dado a sua vida por mim.

Não há nada de heróico neste monólogo de Matilde. Todo ele é triste, dolorosamente triste.

Fala com simplicidade.

O nome é proferido em tom de quem chama pelo marechal.

Apresenta-se com simplicidade, mas com orgulho. Sabe que Beresford odeia Gomes Freire e, embora isso a não impeça de o procurar, não deseja que Gomes Freire saia humilhado desta conversa.

(Pausa)

Vou enfrentá-los. É o que ele faria se aqui estivesse e – quem sabe? – talvez Deus me oiça. Ele há-de ouvir alguém.

(Sente-se que toma uma decisão. Lentamente, num gesto ponderado, vira-se para o palco)

William Beresford!

(Beresford surge, de braços cruzados, ao fundo e à direita do palco)

Sou Matilde de Melo, natural de Seia, uma terra tão pobre e tão pequena que o senhor, decerto, nunca ouviu falar dela.

Fui criada entre árvores e penhascos, naquela pobreza que os ricos designam por santa e que os pobres amaldiçoam. Ensina-ram-me, de pequena, a amar a Deus sobre todas as coisas.

(Pausa)

Foi-me fácil fazê-lo, não por ter aprendido a grandeza de Deus, mas por me ter apercebido da pequenez das coisas.

(Pausa)

Fui crescendo. Tornei-me mulher, casei e quase morri aperreada entre paredes sem janelas donde se visse o mundo.

(Pausa)

Cheguei a crer que o mundo era a minha aldeia, que Deus era irmão d'el-rei e que as más colheitas eram consequência dos pecados humanos...

(Pausa)

Um dia entrou um homem na minha vida. Entrou de tal forma, senhor, que tomou posse dela. À minha volta começaram a ruir paredes. As coisas, tal como ele as via e mas mostrava, começaram, de repente, a perder a sua pequenez e cheguei a Deus, senhor, cheguei a Deus, por compreender a grandeza da sua obra!

(Pausa)

Dei-lhe tudo o que tinha: o corpo, que apesar de esposado estava mais seco do que um poço no fim do Verão, a alma, que, de tão aperreada, nunca chegara a desabrochar. Vivi com ele os anos mais felizes da minha vida. Olhando para trás, parece-me que nunca conheci outro viver.

Se alguém teve tudo, esse alguém fui eu.

(Pausa)

Sou a mulher do general Gomes Freire d'Andrade.

BERESFORD

E que pretende de mim?

MATILDE

O que a sua mulher pretenderia, se o amasse, e se o senhor fosse preso na sua terra por um português promovido a comandante supremo do exército britânico.

Com esta pausa, Matilde separa nitidamente os dois períodos da sua vida.

Fala rapidamente com entusiasmo.

Beresford nem toma o país nem as suas instituições a sério e o seu tom é permanentemente zombeteiro.

BERESFORD

(Francamente irónico)

Parece-lhe verosímil tal hipótese?

MATILDE

Mentiria se lhe respondesse afirmativamente. Os homens, porém, não se podem medir pela força dos exércitos que servem, mas pelos motivos que os levam a servi-los. O meu homem nunca quis saber quantos soldados tinha atrás de si e, se alguma vez olhou para trás, foi apenas para me ver.

BERESFORD

(Trocista)

Vem, então, pedir-me clemência?

MATILDE

Venho pedir-lhe que o liberte. É-me indiferente que o faça por favor, por clemência ou por qualquer outro motivo.

Às mulheres, senhor, pouco interessa a justiça das causas que levam os seus homens a afastar-se delas. A injustiça e a tirania, só as sente quem anda na rua, quem é homem ou quer ser homem.

(Pausa)

Que me importa, a mim, que o rei seja tirano e o país miserável e mal governado?

O facto de ser procurado por Matilde diverte o marechal.

Que me importa que as cadeias estejam cheias, o exército por pagar e o povo a morrer de fome?

(Pausa)

Quero o meu homem! Quero o meu homem aqui, ao meu lado! Quero acabar os meus dias em paz!

(Pausa: domina-se)

As mulheres, Sr. Marechal, estão sempre dispostas a colaborar com a tirania para conservarem os maridos em casa.

(Pausa)

Se não fosse o que lhe digo, já não haveria reis por essa Europa fora...

BERESFORD

(Rindo-se)

O que diria o general Gomes Freire se a ouvisse falar?

MATILDE

(Envergonhada)

Prefiro não saber.

BERESFORD

Vende-lhe, assim, a honra para o salvar?

Estas afirmações são proferidas em tom de desafio, até porque não correspondem à verdade. Matilde, ao fazê-las, está a desafiar a sua própria consciência.

O inimigo de Beresford é sempre, e só, Gomes Freire. Se o conseguir humilhar através da mulher, tanto melhor.

MATILDE

É a minha que vendo e não a dele.

BERESFORD

E porque pensa que devo fazer o que pede?

MATILDE

Porque é o comandante do exército, governador do Reino e... porque sabe que ele não cometeu qualquer crime.

BERESFORD

A simples existência de certos homens é já um crime.

(Começam a ouvir-se sinos ao longe.)

MATILDE

(Exaltada)

Porque dizem a verdade? Porque vêm para além da cortina de hipocrisia com que os poderosos escondem a defesa dos seus interesses?

(O ruído dos sinos aumenta de intensidade.)

BERESFORD

(Sorrindo)

Porque... são incómodos, minha senhora!

MATILDE*(Com amargura)*

É incómodo todo aquele que não confunde a vontade de Deus com a vontade do rei...

(Pausa)

Ou que vê para além das medalhas que usais no peito...

(Pausa)

Ou que olha para vós de frente, e sorri...

BERESFORD*(Com ironia)*

Ou que, devendo, por nascimento e posição, defender certos interesses, defende outros... É o caso do general, minha senhora.

*(Ouve-se, fora do palco, o murmúrio de vozes humanas.)***MATILDE**

Que vão fazer dele, Sr. Marechal?

BERESFORD*(Abrindo os braços para exprimir a sua impossibilidade de responder à pergunta)*

Julgá-lo e... fazer justiça!

MATILDE*(Com desespero e como quem pensa pela primeira vez na hipótese)*

Querem matá-lo! diga-me, Sr. Marechal, por amor de Deus diga-me: querem matá-lo?

*(As vozes aproximam-se do palco. Ouve-se, nitidamente, falar latim.)***BERESFORD**

Ninguém lhe pode responder a essa pergunta. São os acontecimentos que geram os acontecimentos e...

*(Entra no palco um padre seguido dum sacristão tocando uma campainha e de alguns populares. Começa a juntar-se gente à sua volta.)***MATILDE***(Exaltadíssima)*

Não o matem, Sr. Marechal! Mandem-no para a guerra, deixem-no morrer como um homem, batendo-se com os inimigos que possa reconhecer!

(Levanta os braços ao céu)

Senhor, se te lembras da cruz, permite que o meu homem morra de cabeça levantada!

Não vos peço nada para mim. Mais: troco a minha vida pela dele!

Fazei-me sofrer, matai-me torcida de dores

e abandonada de todos, mas, a ele, dai-lhe uma morte que o não mate de vergonha!

PADRE

(Lendo um papel)

Ordem dos principais da Patriarcal de Lisboa para acções de graças pela descoberta da conjuração *Nos Primarii Presbiteri, Et Diaconi Sanctae Lisbonensis Ecclesiae Principales Sede Patriarchali Vacante.*

Tendo chegado ao nosso conhecimento, com indubitável certeza, que houve insensatos tão temerários e atrevidos que ousaram formar o louco e detestável projecto de estabelecer um governo revolucionário e conhecendo que todo o bem nos vem de Deus, sejam quais forem os meios de que para isso se sirva, claro fica que a Ele devemos dirigir as nossas acções de graças. E por isso temos por bem ordenar:

(Entram mais populares que se colocam entre Matilde de Melo e Beresford, escondendo este último)

Que no dia domingo, em todas as paróquias deste Patriarcado e igrejas dos Conventos Regulares, se cante, ou reze donde se não pode cantar, depois da hora de Noa, a missa votiva de Nossa Senhora, *pro Gratiorum Actione*, ajuntando-lhe, no fim, o hino *Te Deum Laudamus* com o Santíssimo Sacramento exposto; dizendo-se, igualmente, neste dia, em todas as missas, a oração *pro Gratiorum Actione*.

MATILDE

Mas eles ainda não foram julgados! Que espécie de Deus é o vosso que condena antes de ouvir? Que gente sois, senhores, que Reino é este em que tive a triste sorte de nascer?

Sr. Marechal: quanto vale, para vós, a vida dum homem?

(O padre, sempre seguido do sacristão tocando uma campainha, afasta-se e sai pela esquerda, enquanto os populares se sentam em círculo no chão e começam a comer. Beresford responde, já de fora do palco.)

BERESFORD

De que homem, minha senhora?

MATILDE

De qualquer homem.

BERESFORD

Depende do seu peso, da sua influência, das vantagens ou dos inconvenientes que, para mim, resultem da sua morte.

MATILDE

E nada mais?

BERESFORD

Não há mais nada a considerar, minha senhora.

(Matilde cobre a cara com as mãos.)

1.º POPULAR

(Comendo)

Em dias de missa solene, as igrejas enchem-se de gente rica.

2.º POPULAR

(Relembrando-se)

Na Páscoa, à porta da Sé, fiz o bastante para comer durante três dias.

3.º POPULAR

Na Páscoa, estive em S. Domingos...

(Matilde descobre o rosto, observa os populares e, num gesto resolutivo, aproxima-se deles)

MATILDE

Alguém aqui me conhece?

(Aponta para um)

Você, aí, sabe quem eu sou. Tenho-lhe

Neste diálogo, os populares parecem exprimir uma indiferença total perante os acontecimentos. Embora mais tarde esta impressão seja corrigida, aqui deve ser realçada pela lentidão com que as frases são proferidas e pelos intervalos que as separam. Sente-se, mesmo, que as frases são deliberadamente proferidas para que Matilde as oiça.

Matilde tenta levar o povo a reagir.

dado esmola vezes sem conta.

(O popular a que Matilde se refere levanta-se)

Nunca me bateu à porta que não levasse do que eu tinha em casa.

(Aponta-lhe para as pernas)

Essas calças que traz vestidas, reconheço-as, fui eu que lhas dei. Eram do general Gomes Freire d'Andrade.

(De pé, em silêncio e com as mãos estendidas, o popular observa as suas calças)

Usava-as por casa, em Paris. Ainda há pouco tempo me perguntou por elas...

(Durante uns instantes ninguém fala)

Sabem o que lhe aconteceu? Sabem que está em S. Julião da Barra, metido numa cela... Não sabem? Pois deviam sabê-lo! Eram vocês que o aplaudiam, na rua, quando ele passava... Eram vocês que lhe perguntavam... "Então, meu general, quando é que isto vira?"

Agora pergunto-lhes eu: "quando é que isto vira?"

Por quanto tempo é que o vão deixar metido numa masmorra, perdendo aos poucos a fé que tinha na gente desta terra?

(Ninguém responde durante uns segundos.)

1.º POPULAR

João: passa aí essa faca.

2.º POPULAR

(Passando-lhe a faca com que o outro corta uma fatia de pão)

Está cheia de ferrugem. Não a limpo há mais dum mês.

1.º POPULAR

Para o pão, serve.

O ANTIGO SOLDADO

(Espreguiçando-se)

São horas de me ir indo. Por onde andam as patrulhas? Alguém sabe?

2.º POPULAR

Para os lados do Rato. Vai pelas quintas, que ninguém dá contigo.

MATILDE

Ninguém me ouviu? Estarão cegos e surdos para não compreenderem o que se passa à vossa volta?

Os populares recomençam a conversar como se não tivessem ouvido Matilde. A trivialidade do diálogo é nitidamente constatada até pela lentidão com que são proferidas as palavras.

Mais uma vez se revela a intenção que tem de ignorar a presença de Matilde.

O desespero de Matilde perante a atitude dos populares tem de ser evidente.

1.º POPULAR

(Dando uma notícia importante de que se esqueceram)

Só agora me lembro duma notícia que os vai espantar.

(Ri-se)

E em que não vão acreditar!

(Ri-se)

O Vicente, lembram-se do Vicente? Foi feito chefe de polícia. Vi-o, hoje, fardado, seguido por dois esbirros! É verdade! Juro-lhes que é verdade! Olhou para mim como se nunca me tivesse visto. Estendi-lhe a mão e deu-me uma cacetada na cabeça!

2.º POPULAR

Era mesmo ele?

1.º POPULAR

Era ele, digo-lhes eu. Nunca me esqueço duma cara.

(Matilde, profundamente desanimada, começa a afastar-se do grupo e aproxima-se da esquerda do palco.)

MANUEL

Não é de espantar. Deus escreve torto por

linhas direitas. Não é assim que se devia dizer?

(Matilde, chorando, vai a sair pela esquerda do palco quando Manuel a chama, sem voltar a cabeça e sem fazer um gesto)

Senhora!

(Matilde estaca e volta-se para o grupo sem saber, ao certo, se a chamaram)

É consigo, senhora.

(Sempre sem voltar a cabeça e limpando a face enquanto fala)

Não se vá, assim, embora, sem levar resposta.

(Matilde volta a aproximar-se do grupo, que finge não dar por ela. Os seus passos são curtos e tímidos. Não sabe porque a chamaram. Manuel prossegue, agora para Rita)

Arranja aí um caixote para ela, Rita.

(Rita levanta-se dum salto, vai buscar um caixote que coloca junto de Matilde e ajuda-a a sentar-se, falando ao mesmo tempo.)

RITA

Desde aquela noite que só penso em si. Estava lá na rua quando prenderam o general. Vi-o sair de casa...

Depois passei lá à porta e ouvi-a chorar... Até contei ao meu homem...

Antes de se sentar, Rita hesita e olha para Manuel como que a pedir-lhe desculpa de ter falado a Matilde.

Manuel, agora, mostra que tinha consciência da presença de Matilde e que o seu silêncio foi premeditado, como premeditada foi a sua quebra neste momento. É portanto, essencial que não esboce, sequer, o gesto de se virar para ela.

(Matilde, sentada, esconde o rosto nas mãos. Rita volta a sentar-se.)

MANUEL

(Levanta-se e fala com ternura)

Todos, aqui, sabemos quem a senhora é, e nenhum de nós é cego ou surdo...

(Observa-a com atenção)

Há quanto tempo não come, minha senhora?

(Matilde encolhe os ombros. Manuel mete a mão num saco, procura qualquer coisa que não encontra e olha para os outros. Um deles levanta-se e, com uma maçã na mão, aproxima-se de Matilde)

Coma essa maçã, Sr.^a D. Matilde. Verá que lhe faz bem.

(Matilde recusa a maçã)

Perguntou-nos, há pouco, o que íamos fazer para libertar o general...

Insinuou mesmo que éramos responsáveis pela sua prisão, já que tínhamos fé nele...

Olhe para nós, Sr.^a D. Matilde. Abra bem os olhos e veja quem somos e ao que estamos reduzidos.

(Chega ao pé dum velho e põe-lhe as mãos sobre os ombros)

Este é tão doente que não pode pedir na rua... Para se aguentar de pé, tem de se

encostar a uma parede...

(Chega junto de outro)

Este tem dois cepos em vez de braços...

(Ri-se com amargura)

São a sua fortuna... Ganha o pão exibindo-se, em chaga, pela feiras...

(Pausa)

Há aqui quem faça de parvo para fazer rir os outros...

(Imita um atrasado mental)

Sabemos, desde miúdos, que a doença, a miséria e a dor fazem rir os mais afortunados...

(Olha fixamente para Matilde)

A senhora, hoje, veio ter connosco porque não sabia para onde se havia de voltar...

(Pausa)

Mas nós passamos a vida inteira a ir ter convosco porque também não temos a quem recorrer! E que nos dão, senhores, que nos dão quando lhe batemos às portas no Inverno, com os filhos embrulhados em trapos, tão cheios duma fome que o pão, só por si, não satisfaz?

(Pausa)

Cinco réis, senhores! Dão-nos cinco réis ou

Manuel revela uma grande ternura pelas pessoas que vai indicando.

Fica de braços cruzados e de costas voltadas para Matilde.

A frase tem o tom duma acusação.

Gesticula a falar.

dizem-nos que tenhamos paciência!

(mete a mão no bolso e tira uma moeda)

Rita!

(Rita levanta-se e aproxima-se. Manuel entrega-lhe uma moeda)

Dá isto à Sr.^a D. Matilde e manda-a embora. Se ela voltar, diz-lhe que tenha paciência. Não queremos pobres à nossa porta!

(Para o povo)

Quando precisamos deles, dão-nos cinco réis! Quando precisam de nós, pedem-nos a vida!

(Cada vez mais excitado)

Se há guerra, se temos o inimigo à porta – "Aqui d'el rei" que a terra é de todos e todos a temos que defender, mas, batido o inimigo, chegada a época das colheitas, quando se trata de comer os frutos da tal terra que é de todos, então não! Então a terra já é só deles!

(Cala-se, visivelmente cansado, e deixa cair a cabeça sobre o peito. Durante uns segundos ninguém fala)

Rita!

(Rita, que se conserva acabrunhada com a moeda na mão, faz um gesto indicativo de que o está a ouvir)

Não lhe dêis a moeda.

(Para Matilde, depois duma pausa)

Desculpe o modo como a tratei.

A senhora não merece as palavras que proferi, mas eu também não mereço tê-las proferido...

Veja como andamos ambos perdidos e afastados do que somos e do que deveríamos ser!

(Olha para o céu)

Vem aí a madrugada...

(Respira fundo, enchendo os pulmões de ar)

O céu está carregado de estrelas e o ar tão puro, que só de cheirá-lo nos sentimos outros!

(Pausa)

Ah! Senhora, se o general estivesse esta noite aqui, levava-nos com ele até ao fim do mundo!

(Pausa)

Que estranho exército não formaríamos! Rotos, coxos, sem armas e sem tambores, a abarrotar de fé, deixaríamos atrás de nós um rasto de sangue que nem as chuvas do Inverno lavariam das estradas: um rasto do nosso próprio sangue, senhora, do sangue das nossas feridas, dos nossos pés cansados, das nossas almas vazias...

(Pausa)

Vira-se lentamente e encara Matilde.

Adivinha-se em Manuel o sonhador que se domina e que raras vezes se dá ao luxo de sonhar.

A frase é proferida com entusiasmo.

Descreve uma visão que o fascina. Será a primeira vez que a tem?

Volta repentinamente à realidade. A quebra é súbita, inesperada.

O tom é profético e triste. Manuel como que pede desculpa do que diz.

Mas o general está preso em S. Julião da Barra e nós... estamos presos à nossa miséria, ao nosso medo, à nossa ignorância...

(Pausa)

Não a podemos ajudar, senhora. Deus não nos deu nozes e os homens tiraram-nos os dentes...

(Sorri)

Não temos dentes nem nozes.

(Matilde, que já chegou à frente do palco, detém-se e volta-se para Rita)

Amanhã, quando começarem a agradecer a Deus a prisão do general, estaremos à porta das igrejas pedindo esmola...

(Pausa)

Depois de amanhã, senhora, estaremos arrefecendo as almas ao calor das fogueiras... Até havemos de aplaudir...

(Pausa)

Não nos leve a mal, senhora, a culpa não é nossa...

(Matilde, que já chegou à frente do palco, detém-se e volta-se para Rita)

MATILDE

A minha moeda, Rita!

(Rita hesita e olha para Manuel)

MANUEL

(Para Rita)

Dá-lha, mulher.

(Para Matilde)

Não é uma esmola. Dou-lha para que a use ao peito, como uma medalha. Tivesse eu mais, e dava-lhe trinta – as trinta moedas por que se vende a alma. Quem as pague ou as receba, perde o direito à esperança, senhora.

(Rita entrega a moeda a Matilde. Num gesto impulsivo, beija-a e corre a juntar-se aos seus. A luz que iluminava o povo apaga-se gradualmente e apenas Matilde permanece iluminada. António de Sousa Falcão surge pela direita do palco.)

SOUSA FALCÃO

(Entra no palco já a falar)

Matilde: em pouca conta a teria se lhe ocultasse a verdade. Quem acompanhou a Gomes Freire em todas as lutas da sua vida tem direito a estar presente até ao fim e a assistir, de pé, à sua derradeira batalha.

MATILDE

Que novas traz, António?

Depois duma breve hesitação.

O relato é feito em tom monótono.

SOUSA FALCÃO

Tantas e tão más, que se me aperta o coração só de pensar nelas.

MATILDE

(Com grande ansiedade)

Deixam-me vê-lo? Diga que me deixam vê-lo!

SOUSA FALCÃO

Não lhe posso ocultar nada, Matilde. Não autorizam que ninguém o veja.

MATILDE

Como é possível que os outros todos possam falar com quem querem e só ele seja privado de ver os seus parentes e os seus melhores amigos?

SOUSA FALCÃO

Ao chegar a S. Julião da Barra, meteram-no logo numa masmorra e aí ficou todo o dia, às escuras, até que, ao cair da noite, uns oficiais lhe mandaram uma enxerga e duas mantas por piedade...

Só ao fim de seis dias lhe abonaram dinheiro para comer.

(Matilde, de mãos postas, angustiada, cai de joelhos)

Adoeceu, chamaram um médico que entendeu provir a doença de o não deixarem barbear-se.

O comandante do forte pediu autorização para comprar navalhas de segurança. Não lha concederam...

MATILDE

(Grita)

Mas que gente é esta?!

SOUSA FALCÃO

O comandante do forte prontificou-se a estar presente quando o barbeassem. Não o autorizaram. Pediu a demissão. Recusaram-lha. Comunicou com Beresford e logo D. Miguel Pereira Forjaz escreveu ao marechal estranhando que ele comunicasse com um preso de estado.

(Sousa Falcão aproxima-se de Matilde e ajuda-a a levantar-se)

Não lhe permitiram que escolhesse um advogado e nomearam-lhe um que já tem a seu cargo a defesa de 12 presos.

(Matilde vagueia no palco ao acaso)

MATILDE

(A voz é angustiada)

O meu homem! O meu homem, que nunca

Fala mais baixo. A evocação do passado aumenta-lhe a tristeza.

A ira supera o espanto.

Quase a chorar.

Sousa Falcão continua no tom anterior. Dir-se-ia que não ouviu Matilde.

lutou com gente desta... metido numa masmorra, ele, que se bateu sempre em campo aberto...

Preso como um cão...

(Começa a chorar)

Ninguém trata dele... para ali, sozinho, abandonado... Era eu que lhe cuidava da roupa, sabia, António? E que lhe preparava os pratos de que mais gostava...

SOUSA FALCÃO

Matilde...

MATILDE

Era capaz de comer galinha todos os dias, mas não gostava de canja. Gostava dela assada, no forno...

SOUSA FALCÃO

(Em voz muito baixa)

Matilde...

MATILDE

Mas era raro comê-la. Às vezes nem dinheiro tínhamos para o pão...

(Levantando o rosto e olhando para Sousa Falcão)

A nossa vida não foi fácil... Um dia – lembro-me tão bem” – vendeu duas medalhas, em Paris, porque não tínhamos um vintém em casa...

(Sorri)

Sabe o que ele fez com o dinheiro? Comprou-me uma saia verde. Disse-me que era para quando voltássemos a Portugal...

(Pausa)

Foi no Inverno. Caía neve.

(Pausa)

Nunca a vesti...

(Encolhe os ombros)

Nunca calhou, não sei porquê...

SOUSA FALCÃO

Oiça, minha amiga...

MATILDE

Talvez a vista no dia em que ele sair do forte, para o receber, quando chegar a casa – a minha saia verde...

Que acha, António? Acha que a vista nesse dia?

Há nestas frases de Matilde uma alegria especial, a alegria que provém de estar revivendo tempos felizes que já passaram.

Regressa à realidade. O seu tom tem a tristeza de quem sabe que não há esperança possível.

É quase infantil ao tentar convencer-se de que voltará a ver o general.

SOUSA FALCÃO

(Com voz tremente)

É uma boa ideia, Matilde. Julgo que lhe dará uma grande alegria...

MATILDE

E asso-lhe uma galinha, no forno, como ele gosta...

SOUSA FALCÃO

Sim, Matilde.

MATILDE

(Depois duns instantes de silêncio)

Não sei como agradecer-lhe tudo o que foi para nós, António: o amigo das coisas importantes e das pequenas coisas – essas pequenas coisas que só os verdadeiros amigos compreendem. Assistiu à morte do nosso filho e... agora, finge acreditar que vou ter ocasião de vestir a saia verde!

Ainda que o não creia, fico-lhe igualmente grata por ambas as coisas.

(Afasta-se. Fica de costas para Sousa Falcão)

Ambos sabemos que ele não sairá vivo de S. Julião da Barra. Não o podem deixar sair, António. Onde quer que o encontrassem lembrar-se-iam do que são, e nenhum deles pode

correr o risco de encontrar a sua própria consciência ao dobrar uma esquina.

SOUSA FALCÃO

Talvez ainda haja esperança...

MATILDE

Obrigado, meu amigo. Obrigado por ma-
querer dar, mas não: nesta terra, a esperança
é uma palavra vã.

(Pausa)

Eu é que tenho de continuar como se a
tivesse. Sou a mulher dele, António... e ele...
é o meu homem.

Enquanto nos não matarem, aquele de nós
que estiver livre tem de lutar.

SOUSA FALCÃO

Mas como, Matilde? Como é que se pode
lutar contra a noite?

MATILDE

Vamos falar com o D. Miguel Forjaz.

SOUSA FALCÃO

Nem nos receberá! Conheço-o há muitos
anos. É frio, desumano e calculista. Odeia
Gomes Freire com um ódio que vem de longe,

Diz por dizer. Sabe que
não há nada a fazer,
mas não deseja reco-
nhecê-lo em frente de
Matilde.

Com a energia possível
a quem chegou ao fim
das suas forças.

um ódio total, que não perdoa nada!

Lembre-se de que são primos, e antigos
camaradas de armas...

Um é franco, aberto, leal.

O outro é a personificação de mediocrida-
de consciente e rancorosa.

Gomes Freire perdoaria a D. Miguel Forjaz,
mas D. Miguel Forjaz vai enforcar Gomes Frei-
re.

É inútil bater-lhe à porta.

MATILDE

Um cristão não fecha assim a porta a uma
desgraçada que lhe vem pedir pela vida do
seu homem... tem de me ouvir.

SOUSA FALCÃO

(Com azedume)

D. Miguel é um cristão de domingo, Matil-
de. Pode estar certa de que todos os dias dá,
a um pobre, pão que lhe baste para se con-
servar vivo até morrer de fome...

MATILDE

Mas temos de ir, António.

SOUSA FALCÃO

Não nos receberá.

MATILDE

Nesse caso iremos para que não nos receba.

(Como quem faz uma descoberta)

É isso mesmo, António! Iremos para que não nos receba.

(Pega no braço de Sousa Falcão e dirigem-se ambos para o centro do palco. Detêm-se a meio caminho. Vindo do fundo, surge um criado, de libré, que se coloca à frente deles)

Diga ao Sr. Governador que lhe pedem audiência Matilde de Melo e António de Sousa Falcão.

(Matilde continua para Sousa Falcão, enquanto o criado se afasta, e como que alucinada)

É preciso que os homens se definam para que possam ser julgados.

É preciso que ele não nos receba – é a nossa oportunidade de o obrigar a definir-se, de o colocar no banco dos réus, para que o juiz o possa julgar...

SOUSA FALCÃO

(Com desânimo)

Que juiz?

Faz um gesto largo: todo o homem está permanentemente a ser julgado.

Todo o desespero reprimido desde a prisão de Gomes Freire vem à superfície. Corre para o fundo do palco como se tivesse endoidecido.

MATILDE

Eu, o Gomes Freire, o criado, ele próprio, a vida...

CRIADO

(Reaparecendo)

Sua Ex.^a não recebe amantes de traidores e amigos dos inimigos d'el-rei.

SOUSA FALCÃO

(Desvairado, corre para o fundo do palco)

Cão! Covarde! Assassino! Pega na espada e vem bater-te como um homem!

Não te escondas atrás do cargo que ocupas!

Eu sei quem tu és!

(O criado desaparece e Sousa Falcão segue-o, gritando, até desaparecer também)

Cão! Assassino!

(Matilde de Melo regressa à frente do palco. Vem nitidamente humilhada pela resposta do governador e marcada pelo sofrimento dos últimos dias.)

MATILDE

(Fala muito lentamente, com a voz embargada pela comoção)

Amante dum traidor... e assim acabamos a vida... Tu, que deste aos homens tudo o que tinhas e viveste de mãos abertas, acabas enforcado com o rótulo de traidor. E eu... que nasci tua mulher, morro tua

(Começa a chorar)

amante! Nem me recebem, meu amor.

(Pausa)

Não querem nada connosco...

(Pausa)

Chegamos ao fim da vida – matam-nos e nem nos consideram dignos duma explicação...

Tratam-nos assim, como se nunca tivéssemos existido...

(Abre a mão e olha para a moeda que lhe deu Manuel)

Vivemos sempre sem nada; demos tudo o que tínhamos – tu e eu –, tudo o que tínhamos, e acabamos sem nada...

Até esmola me dão!

(Pega na moeda com dois dedos e observa-a)

Vês? Deram-me esta moeda. É uma das trinta moedas com que se compram e vendem as almas...

Neste reino as almas não são caras, meu amor!

(Volta a observar a moeda)

Uma das trinta moedas!

O amor intenso que unia Matilde a Gomes Freire explica todas as suas reacções. Para Matilde o mundo não passava dum inimigo que os perseguia a ambos. Só adiante, no decorrer da conversa que tem com o principal Sousa, começa a tomar consciência da posição do general em relação ao que se passa no país. Tudo isto se deve deprender dos seus gestos e do seu tom de voz.

O principal Sousa fala no tom de voz de quem está habituado às fraquezas humanas e sabe – pela graça de Deus – dar-lhes o necessário desconto.

(Endireita-se. Recupera parte da sua antiga energia. Como que se adivinha nela a mulher que acompanhou Gomes Freire pelos campos de batalha da Europa. Fala para o palco)

Sr. Principal: a quanto montam os seus bens?

(Estende o braço com a moeda na mão)

Quantas moedas destas tem nos cofres da sua igreja? 30, 60, 90?

(Surge, a meio do palco, intensamente iluminado, o principal Sousa. Está vestido de gala e sentado na cadeira em que apareceu no 1.º Acto)

PRINCIPAL SOUSA

(Em tom paternal)

Atendendo ao estado de espírito em que se encontra, perdoo-lhe as palavras que acaba de proferir.

Entre, minha filha, entre nesta casa,

(Faz um gesto convidativo. Depreende-se, desse gesto, que o principal está convidando Matilde a entrar num local sagrado)

onde encontrará a resignação de que tanto necessita...

MATILDE

Sou amante dum traidor e mesmo os traidores têm honra, senhor!

São tantas as portas que se nos fecham,
que acabamos por ter medo das que se
abrem à nossa frente...

PRINCIPAL SOUSA

Deus abre todas as portas...

MATILDE

(Exaltada)

Pois que vá abrir as do forte de S. Julião da
Barra, se é capaz!

Que as abra de par em par, para que todos
vejam quem lá está!

(Domina-se)

O senhor, como governador do Reino, man-
dou prender e condenar um inocente...

PRINCIPAL SOUSA

As razões do Estado...

MATILDE

Conheço esse argumento. Foi com ele que
justificaram a condenação de Cristo!

PRINCIPAL SOUSA

(Exaltado)

Aponta para fora do
palco, para o forte, que
nunca lhe sai do pensa-
mento.

Em tom moderador.

Cale-se! Há lábios que não têm o direito
de pronunciar esse nome!

MATILDE

(Com escárnio crescente)

Os meus, bem o sei! Sou amante dum
homem, e não tenho o direito de pronunciar
o nome de Cristo, mas o senhor, que condena
inocentes a quem aconselha resignação,

(Pausa)

que dá esmola aos pobres e condena à
força os que pretendem acabar com a pobre-
za,

(Pausa)

o senhor, que condena a mentira em nome
de Cristo e mente em nome do Estado,

(Pausa)

que vende Cristo todos os dias, a todas as
horas, para o conservar num poder que Ele
nunca quis,

(Pausa)

o senhor, tem o direito a pronunciar o seu
nome!

(Ri com escárnio)

Diga-me: também lhe aconselha, a Ele,
que se resigne?

"Perdoai-nos, Senhor, as nossas dívidas.
Como nós perdoamos aos nossos devedores."

A quantos devedores perdoou o senhor,
durante a vida?

(Ri-se)

Como governador, já perdoou a Cristo o
que Ele foi e o que Ele ensinou?

(Com amargura)

Quanto lhe deve Cristo, senhor? Já fez as
contas?

(Pausa)

Pois venho aqui pedir-lhas em nome dum
credor – em nome do credor Gomes Freire
d'Andrade, que está lá em baixo, preso em
S. Julião da Barra, aguardando que o senhor
pague o que lhe deve.

PRINCIPAL SOUSA

O que lhe devo?!

MATILDE

(Com autoridade)

Cale-se! Agora sou eu que lho ordeno! De
tanto abrir a boca, taparam-se-lhe os ouvidos
e de tantas vezes repetir a mesma coisa,
esqueceu-se de que as palavras têm sentido e
obrigam a quem as profere! A todos chega a
hora de prestar contas.

O principal Sousa está
acabrunhado. Fala,
mais para interromper
Matilde do que por
espanto.

(Pausa)

Ainda se lembra das palavras de seu Amo?
"Ninguém pode servir a dois senhores; por-
que ou há-de odiar a um e amar o outro, ou
há-de afeiçoar-se a um e desprezar o outro."

O vosso credor Gomes Freire d'Andrade
deseja saber a quem servis!

(Pausa)

"Bem-aventurados os que sofrem perse-
guição por amor da justiça porque deles é o
reino de Deus."

O vosso credor Gomes Freire d'Andrade
está numa masmorra por amor da justiça e
quer saber o que fizestes, senhor, para reco-
nhecer o seu direito a esse amor!

(Pausa)

"Porque eu vos digo que se a vossa justiça
não exceder a dos escribas e a dos fariseus,
não entrareis no reino de Deus."

Senhor: ainda os presos não tinham sido
condenados e já nas igrejas se rezavam *Te
Deum!*

O vosso credor Gomes Freire d'Andrade
exige que a vossa justiça exceda a dos escri-
bas e dos fariseus!

"Ouviste o que foi dito aos antigos: não
matarás e quem matar será condenado em
juízo."

O vosso credor Gomes Freire d'Andrade vai
ser morto por ordem da regência de que
fazeis parte – ou será que a vossa mão direi-
ta não sabe o que faz a esquerda?

(Avança para ele)

Estou aqui a pedir-vos contas!

(O principal permanece em silêncio, com os olhos postos no chão. Entra pela direita o frade Jerónimo Frei Diogo de Melo e Menezes.)

FREI DIOGO

Venho de confessar o general, em S. Julião da Barra.

MATILDE

(Corre para o frade)

Como está ele? Frei Diogo, como está ele? Falou-lhe de mim? Que lhe disse? Por amor de Deus, conte-me tudo... tudo...

(Cai de joelhos em frente do frade)

FREI DIOGO

Se há santos, Gomes Freire é um deles...

PRINCIPAL SOUSA

(Paternalmente)

Tudo o que disser a essa mulher só lhe poderá aumentar o sofrimento.

Tenho estado a ouvi-la, pedindo a Deus que me dê paciência para lhe não responder...

Fica parada no palco, numa atitude que quase se poderia classificar de heróica.

O tom é de espanto.

FREI DIOGO

Deus veio à Terra responder a todas as perguntas, Reverência.

PRINCIPAL SOUSA

(Com autoridade)

Há quem não esteja preparado para ouvir a palavra do Senhor.

FREI DIOGO

Talvez tenha razão, Reverência, mas não sou homem para grandes subtilezas. Se me permite, retiro-me.

(Faz uma vénia e encaminha-se para a direita do palco. Antes de sair volta-se para Matilde, que permanece de joelhos, e fala.)

FREI DIOGO

Ao despedir-se, o general pediu-me para a procurar, minha senhora, e para lhe dizer que tem pensado em si constantemente.

Foi um grande privilégio que Deus lhe concedeu – o de viver ao lado dum homem como o general Gomes Freire.

PRINCIPAL SOUSA

Frei Diogo!

Esta afirmação tanto é dirigida a Matilde como ao principal Sousa.

Frei Diogo continua a falar no mesmo tom de voz, como se não tivesse ouvido o principal Sousa.

FREI DIOGO

A misericórdia de Deus é infinita. Tão grande que os homens não a podem conceber. Haja o que houver, não julgue a Deus pelos homens que falam em Seu nome.

PRINCIPAL SOUSA

(Levantando-se exaltadíssimo)

Saia!

FREI DIOGO

(Para Matilde)

Não faça a Deus o que os homens fizeram ao general Gomes Freire: não O julgue sem O ouvir. Deus carece cada vez mais desse direito.

(Sai pela esquerda do palco. O Principal Sousa fica de pé, com as pernas abertas, em atitude de ira. Matilde levanta-se lentamente.)

MATILDE

É tão grande o desprezo que tenho por si, tão infinito o meu nojo, que só por caridade não traduzo em palavras o que sinto no coração.

Judas, que traiu Cristo uma vez, acabou enforcado numa figueira, mas Vossa Reverência, que O trai todos os dias, vai acabar entre os seus com todas as honras que neste

De entrada, Matilde fala com lentidão, pesando bem as palavras.

Estas palavras são proferidas com arrogância.

Reino se concedem aos hipócritas e se negam aos justos.

O meu homem vai morrer lá em baixo, junto ao mar, com o som do vento nos ouvidos, mas Vossa Reverência há-de morrer, um dia, ouvindo, por entre o latim, as suas pragas.

Alguma vez ouviu praguejar um homem, Reverência? Um homem a sério, capaz de palmilhar as estradas da Galileia? Capaz de passar 40 dias no deserto, ou 150 dias metido numa masmorra?

Então oiça!

(Durante uns instantes fica parada em atitude de quem ouve um ruído longínquo)

Não sabe donde vêm as pragas, pois não? Tanto podem vir do Céu como de S. Julião da Barra...

Pois há-de viver até ao fim dos seus dias sem o saber... e à medida que for envelhecendo, à medida que a sua hipocrisia se for afinando até morrer convencido de que foi cristão, o som destas pragas há-de ir aumentando de volume até lhe encher os ouvidos, até que não possa ouvir mais nada.

Há-de-o ouvir no som do vento que lhe entra pelas janelas... no bater das portas da sua igreja... na voz das crianças que lhe pedirem esmola...

Esta praga lhe rogo eu, Matilde de Melo, mulher de Gomes Freire d'Andrade, hoje 18 de Outubro de 1817.

(O principal Sousa senta-se na cadeira. Ao longe, muito ao longe, começa a ouvir-se o murmúrio da multidão, entrecortado, de quando em quando, por latim)

Todos somos Cristo, Reverência, e todos começamos pela esperança de que se realize o que há de Cristo em cada um de nós.

A uns mata-lhes a vida a esperança, a outros matam-na os que em seu nome falam, tendo-a já perdido...

Mas há quem escape, Reverência, quem chegue ao fim da vida com o seu Cristo tão intacto como no dia em que nasceu.

Esses morrem na forca ou apodrecem nas prisões, não vá a sua presença incomodar a burocracia de Deus!

(Matilde está cansada. A sua voz é trémula. Dir-se-ia que já não sabe o que diz. Por vezes tem dificuldade na escolha das palavras)

Há quatro dias que não me deito e que não sinto, na minha, qualquer mão amiga...

Oiço-me falar mas já não sei o que digo.

Quero calar-me e não posso. Se me calo, vejo-o à minha frente, sozinho, à espera de que o vão buscar...

Não reza porque viveu tão perto de Deus que nem precisa de se lhe dirigir...

Pensa em mim com lágrimas nos olhos e gostaria de que eu estivesse ao seu lado. Estive sempre ao seu lado e, agora, quando mais precisávamos de estar de mãos dadas, estou aqui, longe dele, só, com a saudade imensa que já sinto da sua voz...

(Cobre o rosto com as mãos)

Do seu corpo...

(Cai de joelhos. O murmúrio da multidão, que se aproxima, é cadenciado e regular. Advinha-se que entoam canções. Pela esquerda do palco surge António de Sousa Falcão.)

A tristeza de Sousa Falcão sente-se em todas as suas palavras e em todos os seus gestos.

É a última vez que Matilde pede pela vida do general, mas este pedido representa uma quebra em relação às suas palavras anteriores.

Esta atitude de Matilde, portanto, tem a natureza dum acto de desespero.

Esta frase contém uma crítica ao principal. É proferida em tom de desafio.

SOUSA FALCÃO

Os presos já vão a caminho do Campo de Sant'Ana, Matilde. Temos de partir.

Do alto da serra poderemos ver a fogueira em S. Julião da Barra.

É como se estivéssemos com ele até ao fim...

MATILDE

(Ajoelhada, para o principal Sousa)

Salve-o... salve-o... Ainda está a tempo... um correio, a cavalo, chega lá em meia hora... Salve o meu amor, senhor, o meu amor... que é tudo o que tenho...

(Entra D. Miguel Pereira Forjaz, que fica ao lado do principal Sousa.)

D. MIGUEL

Lisboa há-de cheirar toda a noite a carne assada, Excelência, e o cheiro há-de-lhes ficar na memória durante muitos anos... Sempre que pensarem em discutir as nossas ordens, lembrar-se-ão do cheiro...

(Com raiva)

É verdade que a execução se prolongará pela noite, mas felizmente há luar...

MATILDE

Os homens fizeram Deus à sua imagem e semelhança e depois fizeram-se à imagem e semelhança de Deus...

Quem foi que me disse isto? Já não sei... Só sei que tenho de ir para o alto da serra com o António.

Que Deus me dê forças, já que as minhas acabaram – e que Deus o salve, já que eu não posso.

(A luz que incide sobre o principal Sousa apaga-se gradualmente. Surge uma cruz iluminada a meia altura do palco. Matilde fala para a cruz)

Senhor: deste-me a melhor das vidas que eu poderia ter desejado.

Deste-me um homem que amei e que me amou, um homem que encheu todos os meus dias de felicidade e a quem fiz feliz. Não Vos pedi mais nada e, por isso, as nossas contas estão saldadas.

Mas as contas do meu homem estão por fechar.

Deste-lhe cinco talentos e ele transformou-os em dez.

Em troca, Senhor, aguardas que o matem sem dó nem piedade, depois dum tormento em que nem quero pensar.

Não, Senhor, não o podes abandonar agora!

Não se entrega, assim, um homem aos cães, depois duma vida de trabalhos e de canseiras, só porque a idade lhe aumentou a fome e a sede de justiça!

(Começam a entrar no palco vários populares que se sentam de costas para o público)

Começa por estar confusa, mas vai-se dominando gradualmente.

A partir desta frase, Matilde fala com intensidade dramática.

Não!

Disseste um dia que quem desse de beber a um pobre Te estava dando de beber a Ti...

Pois o meu homem quis saciar a fome e a sede de todos os pobres e está preso à ordem dos donos das fontes!

(Entram mais populares que se juntam aos primeiros)

Preso, Senhor, à espera de que os vendedores do templo o levem à força!

Por quem és Tu, Senhor, por Ti ou contra Ti?

(Levanta-se)

Quando vieste à Terra, com a Tua mensagem de salvação, quem encontraste a Teu lado?

(Faz um gesto que abrange o povo)

Estes?

(Faz um gesto que abrange o cardeal, D. Miguel Forjaz e os espectadores)

Ou estes?

E quem deu vida às Tuas palavras, espalhando-as pelos quatro cantos da Terra?

(Repete o primeiro gesto)

Estes?

(Repete o segundo gesto)

Ou estes?

E por quem estás agora, Senhor? Pelo meu homem, que deu a vida por estes...

(Repete o primeiro gesto)

Ou pelos Teus inimigos de sempre?

(Matilde cai no chão inanimada. Acende-se a luz que incide sobre o principal Sousa, que se levanta.)

PRINCIPAL SOUSA

Paciência, minha filha... Até Deus se resignou ao Seu destino!

(Apaga-se a luz que incide sobre Matilde de Melo e reacende-se a cruz)

Senhor: que hei-de eu responder? Ensinaram-me a argumentar com doutores, mas faltam-me as palavras para falar a quem não conhece os argumentos!

Sinto-me como um doutor do templo no dia em que lá entraste...

(O murmúrio do povo e o ruído de padres rezando em latim aumenta de intensidade. O principal Sousa fica de pé com a cabeça descaída, enquanto António de Sousa Falcão corre para junto de Matilde, a quem ajuda a levantar-se. Matilde e Sousa Falcão saem pela esquerda do palco. Antes, porém, de sair, Matilde tira do bolso a moeda que lhe deu Manuel e lança-a aos pés do principal Sousa.)

MATILDE

Tome-a. É sua!

(Para o céu)

Dir-se-á que profere
uma sentença.

Trata-se duma confissão de impotência e, simultaneamente, duma crise de honestidade.

Senhor: não pretendo ensinar-Te a ser Deus, mas, quando chegar a hora da sentença, não Te esqueças de que estes sabiam o que faziam!

Matilde e Sousa Falcão saem pela esquerda. A cena deixa de se ver e, muito gradualmente, apaga-se a luz que incidia sobre o principal Sousa. Durante uns instantes ouve-se o latim dos padres que acompanham os presos ao Campo de Sant'Ana e vêem-se os populares, sentados, a meia luz. Depois, subitamente, o palco fica às escuras e em silêncio. Nesse mesmo momento, muito gradualmente, a luz volta ao palco de forma a que os presentes fiquem na penumbra. O povo continua sentado de costas para o público. À esquerda e a meio do palco adivinham-se os vultos de Matilde de Melo e de Sousa Falcão, de pé, com os olhos postos no horizonte.

MANUEL

(Sentado de costas para o público e quase em surdina)

Pedi que o fuzilassem, como um soldado, mas recusaram-lho.

1.º POPULAR

Cães!

MANUEL

Quem sai aos seus, degenera! Todos os que saem aos seus, degeneram... Eles, nós, todos...

2.º POPULAR

Depois de o queimarem, vão-lhe atirar as cinzas ao mar...

(Acende-se um foco pouco intenso que ilumina Matilde e Sousa Falcão. Matilde veste uma saia verde e Sousa Falcão está inteiramente vestido de negro.)

MATILDE

(Com amizade)

Ele ainda está vivo, António. Não devia ter vindo de luto. Olhe: vesti a minha saia verde. Vê?

SOUSA FALCÃO

Não estou de luto por ele, Matilde, mas a noite passada não pude dormir. Passei a noite a pensar, e, de madrugada, percebi que não sou quem julgava ser...

MATILDE

É o melhor dos amigos, António.

SOUSA FALCÃO

Nem isso sou! Só é digno de ser amigo de alguém quem de si próprio é amigo, Matilde, e eu odeio-me com toda a força que me resta.

Fosse eu digno da ideia que de mim mesmo tinha, e estava lá em baixo, em

Os últimos dias destruíram Sousa Falcão. Adquiriu, todavia, uma calma e uma paz interior que nunca tivera, talvez por ter revisto a sua concepção da posição do homem no mundo.

Aceitou o inevitável.

S. Julião da Barra, ao lado de Gomes Freire, esperando a morte...

Quando os justos estão presos, só os injustos podem ficar fora das cadeias e eu, Matilde, vendi-me para estar, agora, aqui, a vê-lo morrer.

As ideias de Gomes Freire são também as minhas, mas ele vai ser enforcado – e eu não.

Os motivos que os governadores tiveram para prendê-lo, também os tiveram para me prenderem a mim, mas a ele prenderam-no – e a mim não.

Faltou-me sempre coragem para estar na primeira linha...

Durante estes meses, duas vezes dei comigo à berma de lhe chamar louco, para desculpar a minha própria cobardia.

Há homens que obrigam todos os outros homens a reverem-se por dentro...

É por mim que estou de luto, Matilde!
Por mim...

MATILDE

... Isto é o fim, António...

SOUSA FALCÃO

É o fim... Quando virmos, lá em baixo, o clarão da fogueira, já ele morreu...

MATILDE

O clarão da fogueira! Quando o virmos, já ele está aqui ao pé de nós! Foi para o receber que eu vesti a minha saia verde!

(Pausa)

Vem dizer-nos adeus, António, vem abraçar-nos pela última vez.

Nunca partiu para uma batalha sem se despedir de mim e, agora, que se acabaram as batalhas, vem apertar-me contra o peito!

Quer que o veja pela última vez de uniforme, o uniforme que eu o ajudava a vestir antes das batalhas...

(Pausa)

António: Sinto-o! Vem aí!

(Avança ao encontro de alguém que julga estar a chegar)

Vem a rir, António, vem a rir como se ria antigamente!

(Pausa)

Oiço-lhe os passos... os passos do meu homem!

António: Olhe!

(Matilde avança e abraça um ser imaginário. Ao fundo surge o clarão duma fogueira distante)

Juntos, meu amor, juntos por uns instantes, os últimos instantes em que estaremos juntos na Terra!

Olha, meu amor, vesti a saia verde que me compraste em Paris!

O António chora.

(Para o António)

Não chore, António. Veja como ele ri!

A partir deste momento os gestos e as palavras de Matilde são quase infantis. Está a despedir-se do homem que amou e fá-lo com uma ternura infinita e uma dignidade que a ninguém passa despercebida.

(Faz o gesto de quem abotoa o casaco de Gomes Freire. Fala com ternura)

Esqueces-te sempre deste botão.

(Aponta para a fogueira)

Olha, meu amor, a tua glória!

Vê-a bem, minha vida, porque, quando a fogueira se apagar, tens de te ir embora... Eu não vou contigo, mas verás que é por pouco tempo... Isso, pelo menos, me dará Deus...

(Ao longe o clarão da fogueira começa a apagar-se)

Mais uns instantes, meu amor, e voltarás a ouvir tambores!

Desta vez, porém, as fanfarras serão em tua honra... Estão todos à tua espera, meu homem.

(Pausa)

Oiço-os, ao longe, a falar de ti...

(Pausa)

Olha: já estão formados!

(Pausa)

Dá-me um beijo – o último na Terra – e vai! Saberei que lá chegaste quando ouvir os tambores!

(Estende o pescoço e levanta a cabeça para receber um beijo)

Vai, amor da minha vida...

Parece observar o horizonte.

Com crescente intensidade dramática.

(Por um instante segue-o com os olhos. Depois com dignidade volta para ao pé de Sousa Falcão)

Julguei que isto era o fim e afinal é o princípio. Aquela fogueira, António, há-de incendiar esta terra!

(O clarão da fogueira diminui visivelmente)

Adeus, meu amor, adeus. Adeus! Adeus! Adeus!

(Para o povo)

Olhem bem! Limpem os olhos no clarão daquela fogueira e abram as almas ao que ela nos ensina!

Até a noite foi feita para que a vísseis até ao fim...

(Pausa)

Felizmente – felizmente há luar!

(Desaparece o clarão da fogueira. Ouve-se ao longe uma fanfarras que vai num crescendo de intensidade até cair o pano.)

FIM

É quase um grito.

Luís de Stau Mourão
(1926-1983)

Nasceu em Lisboa, em 3 de
Abril de 1926.

Aos 13 anos foi viver para Londres,
onde o seu pai desempenhava as
funções de embaixador. O tempo
que aí passou terá condicionado
muitos aspectos da sua formação
estética e literária.

Nesses anos, viveu de perto a tragédia
da Segunda Guerra Mundial.

De regresso a Portugal, licenciou-se
em Direito pela Universidade de
Lisboa, tendo exercido, por um breve
período de tempo, a advocacia.

Publicou o seu primeiro romance
em 1960, *Um Homem Não Chora*.

Em 1961, publicasse *Angústia para o
Jantar*, que o colocou, desde logo,

num lugar de relevo no panorama
da literatura portuguesa. Desse

mesmo ano é também a peça

Felizmente Há Luar!, que revelou um
dos mais notáveis dramaturgos das
nossas letras. Foi-lhe atribuído, em
1962, o "Grande Prémio de Teatro".
Por várias vezes, foi preso pela
PIDE, devido ao caráter irreverente
que impôs à sua obra.

Fez parte do conselho redactorial de
"A Moeda", suplemento do *Diário de
Lisboa*, onde se celebrou pela
criação da irreverente figura da
Guadinha.

Trabalhou em publicidade e
escreveu, também, sobre
gastronomia, com o pseudónimo de
Manuel Pedrosa.

Foi jornalista e colaborador regular
de várias publicações – *Diário de
Lisboa*, *Se7e*, *O Jornal*, *Expresso*.

FELIZMENTE HÁ LUAR!

2010

EXECUÇÃO GRÁFICA
BLOCO GRÁFICO, LDA.
UNIDADE INDUSTRIAL DA MAIA
SISTEMA DE GESTÃO AMBIENTAL
CERTIFICADO PELA APCER,
COM O N.º 2006/AMB.258

DEP. LEGAL
226667/05